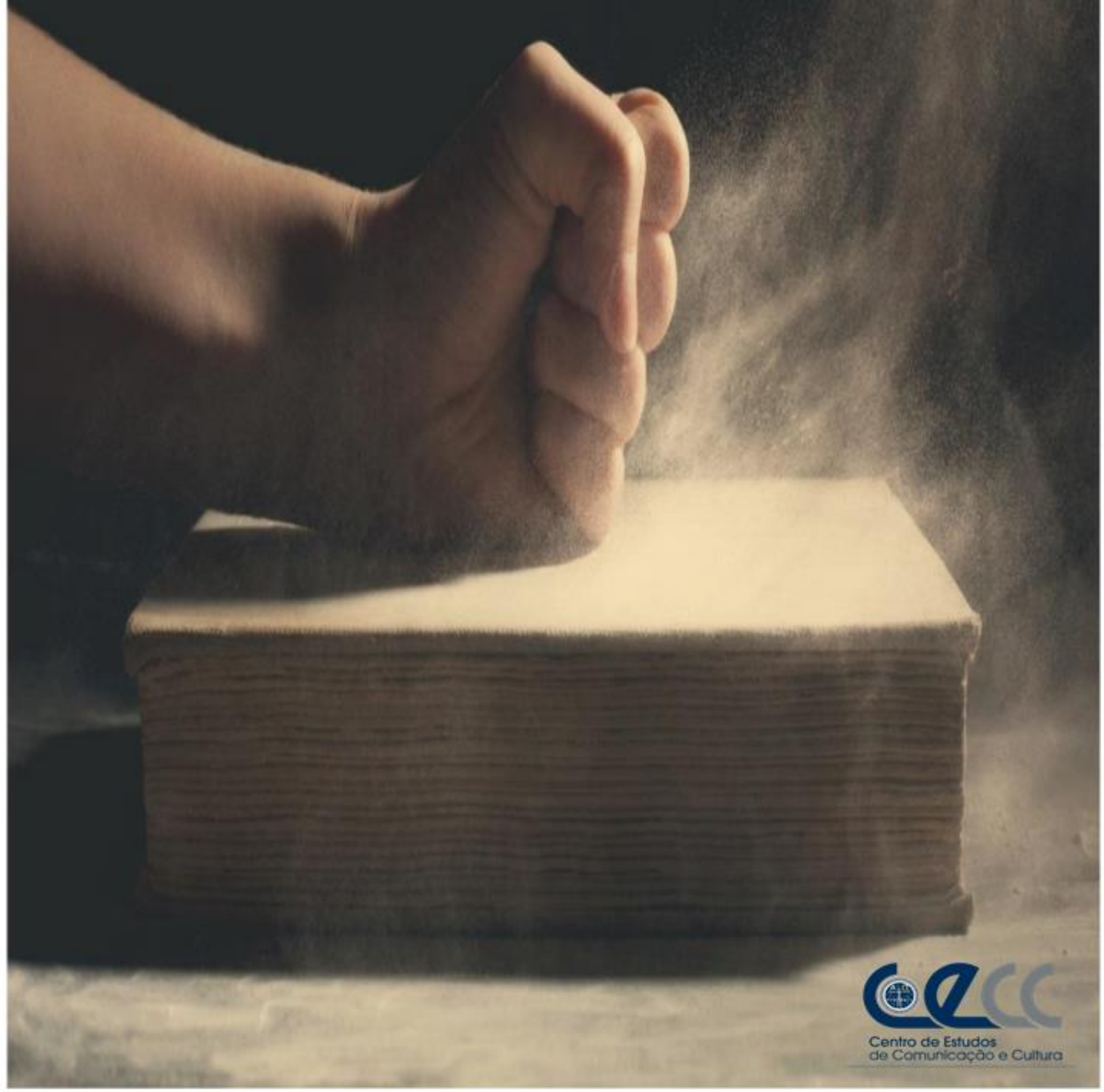


# O HOMEM VENCEDOR

Carlo Goldoni



Edição: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura  
Transcrição e Introdução de Isabel Pinto  
Data: Novembro 2014  
ISBN: 978-989-98248-5-0

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura  
Faculdade de Ciências Humanas – UCP  
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa  
<http://cecc.fch.lisboa.ucp.pt/en/>

Goldoni, Carlo, *Comédia Nova Intitulada O Homem Vencedor*, cópia de António José de Oliveira, 1782 [BNP, COD. 1372//4; F.R. 573].

Disponível, através do Catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, em <http://purl.pt/15350>.

#### **SOBRE O TEXTO:**

*O Homem Vencedor*, comédia em prosa que aqui se edita pela primeira vez, é mais uma cópia de António José de Oliveira, concluída a 16 de Outubro de 1782. No verso da folha de rosto surge a indicação «É de Goldoni e traduzida por A. J. de Paula», que contribui decisivamente para o mistério que envolve este manuscrito. A começar, a letra da indicação não é de António José de Oliveira, mas, ainda assim, coeva da cópia. Ao longo do texto, há emendas e acrescentos consistentemente de outra mão, que parece coincidir com a da indicação. Até à presente data, não foi possível identificar a que original de Goldoni corresponde a comédia portuguesa. Embora os nomes das personagens e certas passagens coincidam com figuras e momentos da galeria goldoniana, a intriga, na íntegra, não encontra correlato na criação do autor italiano. Ao certo sabe-se que na segunda metade do século XVIII Goldoni foi presença assídua nos palcos e prelos portugueses e António José de Paula, o alegado tradutor, efectuou percurso ascensional desde actor no Teatro do Bairro Alto até empresário do Teatro da Rua dos Condes.

A comédia apresenta-nos dois irmãos, Florindo e Rosaura, que se opõem constantemente. A uni-los a dificuldade em dominarem-se: Florindo, a paixão por Matilde, e Rosaura, o génio fustigante. O primeiro pretende evitar a qualquer custo que a amada parta, pois o desejo de com ela casar subalterniza-lhe o arbítrio; a segunda teme ser espoliada pelo irmão, pois quer dispor, a curto prazo, de avultado dote, também para casar. A comicidade do texto está do lado feminino, com Rosaura a protagonizar cenas tão arrebatadas quanto hilariantes; em contrapartida, a moral, plasmada no título, está associada a Florindo que, no final, se torna, pela sublimação do desejo, homem esclarecido e vencedor.

**CARLO GOLDONI**  
**COMÉDIA NOVA INTITULADA**  
***O HOMEM VENCEDOR***  
**TRADUÇÃO DE A. J. PAULA**  
**(1782)**

## COMÉDIA NOVA INTITULADA *O HOMEM VENCEDOR*

### INTERLOCUTORES:

**FLORINDO ARETUZE**, *negociante;*

**RICARDO**, *amigo do dito;*

**DOM GUSMÃO**, *amigo de Florindo;*

**ARNOLFE**, *tio de Matilde;*

**MANDARIM**, *criado de Florindo;*

**CAPALONGA**, *criado de Arnolfe;*

**DONA ROSAURA**, *irmã de Florindo;*

**DONA MATILDE**, *sobrinha de Arnolfe;*

**JACOPINA**, *criada de Matilde;*

**COLOMBINA**, *criada de Rosaura.*

*A cena figura-se em casa de Florindo.*

Copiada aos 16 de Outubro de 1782.

É de Goldoni e traduzida por A. J. de Paula.

## **ACTO 1.º [1]**

### **CENA 1.ª**

#### **MANDARIM, e logo FLORINDO.**

**MANDARIM:** Forte impertinência de gente! Leva esta caixa, vai a bordo; vem a terra, conduz os baús. Fazem de mim gato-sapato. Tomara que já partissem estes senhores. Só o que me dá cuidado é a ausência de Jacopina. Ah, quem tivera certeza da morte de meu tio. Animemo-nos de esperança até que chegue o correio. Mas, no entanto, Jacopina vai-se. Leve a fortuna aquele primeiro autor desta acelerada partida. Mandarim que há-de ser de ti? Porém, consolar-me-ei com meu amo, pois também a sua amada o põe com dono. Ele que chega.

**FLORINDO:** Mandarim?

**MANDARIM:** Senhor?

**FLORINDO:** É certo?

**MANDARIM:** Senhor Florindo?

**FLORINDO:** Que queres?

**MANDARIM:** Será verdade?

**FLORINDO:** Não sei de mim, estou exasperado!

**MANDARIM:** Estou tonto, há muito que me fugiu o juízo.

**FLORINDO:** Falaste a Matilde? [1v]

**MANDARIM:** Vossa mercê viu Jacopina?

**FLORINDO:** Há três dias que não vejo essa víbora.

**MANDARIM:** Víbora? Vossa mercê fala sem pensar.

**FLORINDO:** Víbora, demónio, fera, áspide venenoso.

**MANDARIM:** Eu falo-lhe em Jacopina.

**FLORINDO:** Em Jacopina? Com ela não tenho nada.

**MANDARIM:** E eu com ela tenho tudo. Vamos, acaso tem-na visto?

**FLORINDO:** Como, se 'inda agora chego da quinta?

**MANDARIM:** Pois se tarda mais duas horas, veria do nosso mirante ir um navio à vela pela barra fora com Matilde, Jacopina, Arnolfe e sete criados.

**FLORINDO:** É possível?

**MANDARIM:** Vá para o oirado e verá se o engano.

**FLORINDO:** Não zombas?

**MANDARIM:** Qual zombar! Estou pior que vossa mercê.

**FLORINDO:** Traidora sorte que tanto me persegues.

**MANDARIM:** Malvado correio, a tua demora há-de fazer-me infeliz.

**FLORINDO:** Tu arremedas-me, indigno?

**MANDARIM:** Cada um sente o seu mal.

**FLORINDO:** Ah, para onde partem?

**MANDARIM:** Para Génova.

**FLORINDO:** Vai saber se estará a partir outro navio para esse porto.

**MANDARIM:** Senhor, tenha medo do Golfo de Leão. [2]

**FLORINDO:** Insolente! (Ameaçando-o.)

**MANDARIM:** Devagar com essas ameaças; quem não serve, despede-se.

**FLORINDO:** Triste Florindo, qual será a tua sorte, separado para sempre do teu único bem? (Não tenho constância para suportar este assalto tão repentino). Mandarim, vai ao que te disse.

**MANDARIM:** Não era melhor fazer jornada por terra?

**FLORENTINO:** Este Arnolfe, este demónio, está em casar?

**MANDARIM:** 'Inda agora estava bebendo o café; se vem mais cedo, papava-lhe o jantar.

**FLORINDO:** Vais pedir-lhe licença para falar-lhe.

**MANDARIM:** Então, vou saber se há navio?

**FLORINDO:** Endemoninhado, obedece às minhas ordens.

**MANDARIM:** Vossa mercê não responde nada e queixa-se? Tomara eu que me chegasse o correio e, então, vossa mercê verá como se acareiam as vontades.

**FLORENTINO:** Temerário, em que me falas?

**MANDARIM:** No que vossa mercê não fala.

**FLORENTINO:** Dar-se-á caso... (Tira o relógio e vê as horas.) Leva o recado a Arnolfe. Ingrata Matilde! Se me desprezas, serás causa da minha morte. Porém, chamo ingrata a quem nunca declarei o meu affecto? É verdade que os olhos o davam modestamente a entender, mas referentes da inclinação amante sempre foram os nossos discursos. [2v] (Senta-se, pensativo) E por qual motivo se retira Arnolfe sem despedir-se? Isto é tratar-me incivilmente. Mas como poderei fazê-lo patente, se estou impossibilitado de o visitar?) Mandarim!

**MANDARIM:** Senhor...

**FLORENTINO:** Arnolfe veio ou mandou despedir-se de mim?

**MANDARIM:** Nem uma coisa nem outra. Só o que tem feito é mandar-me a bordo conduzindo o fato.

**FLORINDO:** Como se chama o capitão do navio em que partem?

**MANDARIM:** Crosmett ou Coresma, uma coisa assim; são nomes com que não me entendo.

**FLORINDO:** Aonde está?

**MANDARIM:** Quem?

**FLORINDO:** O navio, excomungado.

**MANDARIM:** O navio excomungado está no mar.

**FLORINDO:** Insolente, não quero graças. Vai já a bordo desse navio, fala ao capitão da minha parte e dize-lhe se haverá lugar ainda para um passageiro?

**MANDARIM:** Sim, senhor. (Parte.) E quem há-de cuidar das quintas e cobrar os alugueres das casas? Demais, vossa mercê [3] ainda não tem passaporte. Quer fazer as coisas no ar?

**FLORINDO:** Pelo ar há-de tu ir, se insistires a impacientar-me.

**MANDARIM:** Vou à diligência. (Parte.) Mas falta-me dinheiro para a embarcação.

**FLORINDO:** Tudo te falta nestas ocasiões. Aí tens, aí tens malvado. (Atira-lhe com o dinheiro.)

**MANDARIM:** Se lhe chegam com uma mecha para o fogo... Oh dá-me licença para ir dizer ao senhor Arnolfe se quer alguma coisa para lá.

**FLORINDO:** Se lá fores...

**MANDARIM:** Já aqui não está quem falou. (Vai-se.)

**FLORINDO:** Logo neste tempo havia dar-me na cabeça em ir para a quinta. Ah que estou capaz de matar-me por minhas mãos; que farei? Sem passaporte não posso transportar-me. Vou depressa a diligencia-lo. Sim, estou resoluto. (Vai-se e torna.) Mas com duas horas de demora nada poderei obter e Matilde separa-se para sempre da minha vista. Bárbaro Arnolfe! Mandarim? Ah, foi falar ao capitão. (Senta-se com impaciência e reflecte um pouco.) Isto há-de ser... (Levanta-se.) Tenho resolvido... (Põe o chapéu com [3v] ímpeto e vai-se.)

## **CENA 2.<sup>a</sup>**

### **JACOPINA só.**

**JACOPINA:** Mandarim, Mandarim! Que história é esta? Saiu para fora certamente e deixou-me a porta do jardim aberta. Oh, se o soubesse o amo ou a senhora dona Rosaura, eles o curariam. Vinha a despedir-me, pois não

me desagradava. Minha ama não se pode apartar desta cidade. Desconfio que namora o senhor Florindo. Porém, não é possível declarar-me nada neste particular. Parece-me que sinto passos; vou-me antes que venha alguém ou que me chamem em casa. Porém, hei-de ausentar-me sem dizer adeus a Mandarim? É ser mais que ingrata. Oh, foi ilusão o rumor que senti. Em cima daquela mesa vejo o preparo de escrever. Utilizo-me da aberta e por letra faço a minha despedida. (Escreve.) Meu cavalheiro, vinha a despedir-me da sua pessoa, e não o encontrando em casa, depois de achar a porta do jardim franca, determinei-me a este extremo. Passe muito bem, regale-se com as palestras [4] das senhoras portuguesas que eu vou recrear-me com as dos genoveses. Se tivesse cascalho, desembaraçar-me-ia a aceitá-lo por esposo. Mas assim, nem posso nem devo pretendê-lo. De uma serva reverente, quem não deve assinar-se. Tenho escrito. O senhor Florindo ainda está na quinta. Sem receio aqui mesmo posso deixar este papel e agora vou a vestir-me para a viagem. (Vai-se.)

### **CENA 3.<sup>a</sup>**

#### **DONA ROSAURA e COLOMBINA.**

**ROSAURA:** Mandarim? (Batendo na porta.)

**COLOMBINA:** A porta está aberta, entremos.

**ROSAURA:** Este criado não sabe a sua obrigação? Não sentiu parar uma sege?

**COLOMBINA:** Pode ser que esteja fora de casa.

**ROSAURA:** E Florindo também está surdo? Fazem-se impolíticos à força; sabem que estamos cercadas de vizinhança de pontinhos e deixam de ir apear-me. Vai chamar Florindo.

**COLOMBINA:** Donde está ele?

**ROSAURA:** Chama-o, entra por essas salas. (Vai-se Colombina.)

Quero perguntar-lhe se deve assim tratar sua irmã. Anda muito preocupado [4v], faz conduzir-me à quinta e depois deixa-me, supondo que não compreendo as suas ideias. Mas com esta vinda não esperada mostrar-lhe-ei que posso desvanecer-lhas. Se pretende tomar estado sem primeiro entregar-me um dote suficiente, ser-lhe-á melhor arrastar grilhões em Mauritânia; há-de tremer de mim, pois uma vez ofendida, todo o resto de meus dias será breve espaço para cuidar em vingar-me.

Sai **COLOMBINA:** Senhora, lá dentro não está pessoa alguma.

**ROSAURA:** Poderá chegar a maior excesso o desaforo daquele criado? Logo, logo que vá para a rua. Se Florindo o apadrinha, eu o abandono. As portas abertas, estarei roubada? Depressa, vou a ver o cofre das minhas jóias. (Vai-se.)

**COLOMBINA:** Também vou examinar a minha arca; oh, triste de mim, se me furtaram os meus cordões!

#### **CENA 4.<sup>a</sup>**

#### **RICARDO e a dita.**

**RICARDO:** Permite-se licença a um criado desta casa? [5]

**COLOMBINA:** Senhor Ricardo, vossa mercê 'inda duvida da urbanidade de meus amos?

**RICARDO:** Não, senhora Colombina, dela me utilizo. Porém, não abuso por este motivo daquelas políticas acções que constituem um homem comedido.

**COLOMBINA:** Muito agrada esse modo. Tomara que assim fosse o senhor dom Gusmão.

**RICARDO:** Esse cavalheiro tem girado e sabe como deve portar-se.

**COLOMBINA:** Pois os que viajam são atrevidos.

**RICARDO:** Menina, dirá ao senhor Florindo...

**COLOMBINA:** Ai que já me esquecia, vou ver se estou roubada. (Vai-se.)

**RICARDO:** Vai ver se está roubada? Pobre rapariga! Não sabes o que dizes. Continuadamente venho a esta casa e jamais me detive a falar com os criados. Eles, de ordinário, pressentindo qualquer descuido, logo se utilizam e depois conforme os seus intentos laboram um enredo com os amos, que não pode a gente desembaraçar-se. Para tudo é preciso máxima: desgostar os servos não é conveniente; porém, franquear-lhe a liberdade em conversação é muito pernicioso. Um meio termo [5v] divide estes dois extremos.

### **CENA 5.<sup>a</sup>**

#### **COLOMBINA e o dito.**

**COLOMBINA:** Já estou descanicada. Agora poderei recriar-me em o ouvir. A senhora dona Rosaura chegou há pouco tempo da quinta e faz-se-lhe preciso mandar dizer a vossa mercê que se demore um instante, pois tem importância de falar-lhe.

**RICARDO:** A senhora dona Rosaura dispõe da minha vontade.

**COLOMBINA:** Confesso-lhe que não é pequena fortuna.

**RICARDO:** O meu amigo Florindo está fora?

**COLOMBINA:** Suponho que sim. Aquele senhor anda muito assassinado.

**RICARDO:** Aconteceu-lhe algum desastre?

**COLOMBINA:** Está para acontecer-lhe se continua no mesmo. Vossa mercê bem sabe o génio da senhora dona Rosaura.

**RICARDO:** Eu tinha de ir à praça e esta demora causa-me bastante descómodo.

**COLOMBINA:** A senhora não pode tardar. Mas que me diz, vossa mercê, da nossa vizinha? Tem ido visitá-la?

**RICARDO:** Estou vendo se já não apanho o comerciante... Isto são quase duas horas e... [6]

**COLOMBINA:** Aquela ostentação de gente é que a deita a perder. Faz-se intolerável pelos dengues e cerimónias.

**RICARDO:** Menina, terá a bondade de desculpar-me com a sua ama, pois lembrou-me agora...

**COLOMBINA:** Ela que chega.

## **CENA 6.<sup>a</sup>**

### **DONA ROSAURA e os ditos.**

**ROSAURA:** Senhor Ricardo, quem vive entregue aos contínuos desgostos, não pode logo utilizar-se das felicidades.

**RICARDO:** Sabendo...

**ROSAURA:** Florindo quer arruinar-se e arruinar-me. Já tenho suportado bastante, não me atrevo a mais.

**RICARDO:** Sabendo que tenha vindo...

**ROSAURA:** Por último, chegar agora da quinta e achar as portas abertas sem um súbdito em casa!

**RICARDO:** Mas...

**ROSAURA:** Isto é assim: o jantar é pelas quatro horas, a ceia de madrugada. Enfim, não tive esta criação nem devo suportar estes desmanchos.

**RICARDO:** De sorte... [6v]

**ROSAURA:** Suponho que anda dispendo algum casamento, ofertando-se rico com o que não é seu.

**RICARDO:** Seu tio...

**ROSAURA:** Qual seu tio? Ele não tem nada; as quintas, propriedades, móveis e dinheiro, tudo pertence ao meu dote.

**RICARDO:** Pois o senhor Florindo não tem nada neste todo?

**ROSAURA:** Não tem nada.

**COLOMBINA:** Certamente, não tem nada, tudo é da senhora.

**ROSAURA:** Litigarei, já que assim o quer.

**RICARDO:** Senhora...

**ROSAURA:** Isto não tem contra.

**RICARDO:** Nem eu oponho, digo...

**ROSAURA:** Vossa mercê neste particular é um mero ouvinte.

**RICARDO:** Sendo certo...

**ROSAURA:** Nem ter quem me apeasse! Onde se viu tal?

**RICARDO:** Vossa mercê anda molesta?

**ROSAURA:** Que diria o severo jurisconsultado pontinhos? A estas horas tem já mandado contar esta farsa por todas as suas amigas.

**RICARDO:** Senhora dona Rosaura, Matilde...

**ROSAURA:** A conheço melhor que vossa mercê, não venha defendendo-a.

[7]

**RICARDO:** (Aparte) Intolerável génio de mulher! E tinham destinado meus pais este dragão para minha esposa. Eu a arrenego!

**COLOMBINA:** Não se lembra, senhora, das risadas que deu Matilde e mais a criada, quando vossa mercê ia caindo?

**ROSAURA:** Pois deram algumas risadas?

**COLOMBINA:** Quando vossa mercê foi a fazer mesura ao senhor dom Gusmão.

**ROSAURA:** Não reparei, se tal ouvisse...

**RICARDO:** (Aparte) A criada é feita de encomenda. Senhora dona Rosaura, tem, vossa mercê, acabado de expor as razões fortes do seu enfado?

**ROSAURA:** Em todo um dia não relato as ofensas que tenho recebido. Colombina, conta algumas que tens presenciado para que não fique duvidoso o senhor.

**COLOMBINA:** Antes de nos retirarmos para a quinta, deu minha ama a dom Gusmão um ramo de flores. Conheceu logo Matilde que eram do jardim e tirando-lhas, as fez em pedaços por desprezo.

**ROSAURA:** Basta só aquela: e não hei-de de vingar-me?

**RICARDO:** Isso podia ser...

**ROSAURA:** Vá ouvindo.

**RICARDO:** E como conheceu dona Matilde serem [7v] essas flores do jardim de vossa mercê?

**ROSAURA:** Ai, pelo cheiro que da sua janela está desfrutando todas as horas.

**COLOMBINA:** Outra: quando a senhora ia visitá-la, quase sempre estava com um palito na boca. Veja se há maior impolítica!

**ROSAURA:** Já se estancou a minha paciência.

**RICARDO:** De sorte que dona Matilde...

**ROSAURA:** Dona Matilde é a causa dos desmanchos desta casa.

**RICARDO:** Direi neste particular o que entendo.

**ROSAURA:** Traz louco a Florindo.

**RICARDO:** O senhor Florindo faz-me a honra de comunicar-me os seus segredos e...

**ROSAURA:** Oh é o seu secretário!

**RICARDO:** Digo...

**ROSAURA:** Não tem que dizer-me. Todas as quintas, propriedades, alfaias e dinheiro, tudo é meu.

**RICARDO:** Sim, senhora.

**ROSAURA:** Florindo não deve esposar-se primeiro do que eu.

**RICARDO:** Certamente.

**ROSAURA:** E muito menos com Matilde, que é oposta ao meu génio. Não lhe parece?

**RICARDO:** Deve ponderar no futuro e...

**ROSAURA:** Qual ponderar! Deve atender-me a [8] mim.

**RICARDO:** Causa-me admiração.

**ROSAURA:** Agora veremos como isso há-de ser. Vou para casa de meu primo, que é um dos bons letrados desta cidade e ele defenderá a justiça que me assiste.

**COLOMBINA:** Abençoada seja, não sofra estas desordens.

**RICARDO:** Senhora dona Rosaura, modere a sua cólera e com prudência deslacre as prisões que tanto pretendem ligá-la a um ódio, que mais é possuído de suspeitas que de realidades. O senhor Florindo não creio que se esqueça de atender aquelas razões que tocam em abono de vossa mercê, pois sei que todo se emprega em agradar-lhe. Porém, quando sucedesse em contrário, parecia-me que vossa mercê sem alvoroço, antes resignando-se-lhe aos seus arbítrios, expusesse as causas do seu desgosto, que estou certo que hão-de ter limite os estímulos de que vossa mercê tanto se formaliza. Entre dois irmãos não parece bem que hajam semelhantes discórdias.

**ROSAURA:** Senhor Ricardo, vossa mercê aparta-se muito de dar-me crédito. Está defendendo-o com o escudo da prudência, da justa vingança que lhe preparo: tudo percebo, nada consegue. [8v]

**RICARDO:** Uma senhora honesta, que vive na companhia de seu irmão, não é justo separar-se dele para ir estar em casa de um primo. Que dirá o mundo? Ah, perdoe-me se a ofendo.

**ROSAURA:** O mundo, em laborando a causa, conhecerá a razão que tive para abandonar a sua companhia.

**RICARDO:** Nenhuma pode haver para o efeito que pretende.

**ROSAURA:** Está bem.

**RICARDO:** Com justíssima causa seria vossa mercê, de todos, criticada.

**ROSAURA:** E vossa mercê far-me-ia o maior critério.

**RICARDO:** Tomara eu criticar as minhas acções, pois quem conhece os próprios defeitos não faz pouco em corrigi-los.

**ROSAURA:** Já vejo que é parcial de Florindo e, por consequência, meu oposto.

**RICARDO:** Pois o ser amigo de seu irmão é bastante causa para julgar despoticamente do seu proceder? Minha senhora, pacifique-se e virá no conhecimento destas razões, que, por amizade e affecto me animo a dizer-lhe: as suas imprudências parece-me que hão-de originar algum funesto [9] precipício, pois o caminho que vossa mercê pretende seguir é todo errado. Volte sossegadamente os olhos para os grandes tesouros que seus pais lhe deixaram e verá que apenas escassamente se reduzem a seiscentos mil réis; verá que o amor de seu irmão só em diamantes tem-lhe feito um capital de cinquenta mil cruzados e a proporção repartirá com vossa mercê algumas fazendas para formar-lhe um dote vantajoso. Tudo sei, conheço belissimamente o estado desta casa, há mais de quinze anos. Diga-me, é ser parcial de traições falar a verdade? Vejo que só esta muito pouco a saboreia. Porém, maquinando a ironia virá a desenganar-se. Uma senhora donzela pretender deixar seu irmão, o seu benfeitor, para ir estar em casa dos parentes, urdindo demandas sem fundamento, supondo que tudo é seu, quando nada possui. E para longe se afastem de vossa mercê semelhantes

projectos. Eu me envergonho de tal coisa ouvir-lhe; que discurso horrível, que ânimo simulado e... Senhora dona Rosaura, para sua confissão basta os remorsos em que a deixo flutuando. Ricardo Virone estima o seu bem, não deseja vê-la cercada de aflições. [9v]

**ROSAURA:** Quê? Não tenho nada! Que Diz? Meu pai me deixou seiscentos mil réis. Porém, minha tia cedeu-me vinte mil cruzados em dinheiro, um palácio e duas quintas; as jóias ficaram-me de minha mãe. Enfim, tudo é meu.

**RICARDO:** Senhora dona Rosaura, permita-me licença; tem pouco conhecimento do mundo. Julga por ofensa as flores desfolhadas, os sorrisos que lhe deram, a mal feita mesura e o palito na boca em ocasião de visita. Fortes causas para um rancor tão inveterado! Dissipe essa névoa que a preocupa com são discursos e prudentes reflexões, e conhecerá ser procedida de affectados melindres que origina a vaidade e vós, menina, não lhe aumenteis a catarata, contando-lhe essas histórias ridículas do proceder dos vizinhos.

**ROSAURA:** Vossa mercê já se atreve a muito, repreendendo a minha criada.

**RICARDO:** Não a repreendo, advirto-a, pois conheço ser a motora do seu enfado.

**COLOMBINA:** Nunca esperava que vossa mercê quisesse meter fouce na seara alheia com tanto descaramento.

**ROSAURA:** As suas palavras são um composto [10] de falsidade, usando subtilezas comigo, lembrando-me o que dirá o mundo da minha ausência. Há, há. (Rindo-se.)

**RICARDO:** Pois vossa mercê não fez igual sentido na falta de escudeiro para a apear da carruagem?

**ROSAURA:** Tudo é o mesmo, não tenho mais que ouvir.

**RICARDO:** Nem eu que dizer. Senhora, com vossa permissão... (Faz cortesia.)

**ROSAURA:** Passe muito bem. (Fazendo-lhe cortesia por desprezo.)

**RICARDO:** Seu reverente criado.

**ROSAURA:** Serva. (Faz o mesmo e vai-se.)

**COLOMBINA:** Não arrumou mau panal. Que tal o sonso? Deitou as mãozinhas de fora.

**ROSAURA:** Veio de espia tirar língua e certamente mandado por Florindo ou Matilde.

**COLOMBINA:** Aquela senhora anda provocando-a.

**ROSAURA:** Pode estar segura que Florindo, enquanto eu for viva, não há-de casar com ela; e depressa vou a escrever ao primo, dando-lhe parte de todas estas insolências para que venha a buscar-me. (Chega-se para a mesa e figura aprontar o papel para escrever.) [10v]

## CENA 7.<sup>a</sup>

### MANDARIM e as ditas.

**MANDARIM:** Depressa, depressa, toca a preparar.

**COLOMBINA:** Que doidice é esta?

**MANDARIM:** Já tu cá estás? Oh senhora, perdoe, que não reparava.

**ROSAURA:** Não te ausentes. De quem será a letra desta carta? De quem não deve assinar-se, grande cautela!

**MANDARIM** (Para Colombina): O senhor está lá dentro?

**ROSAURA:** Emudece. (Para Mandarim e prossegue a ler.) Cavalheiro, vinha a despedir-me da sua pessoa e não o encontrando em casa, depois de achar a porta do jardim franca determinei-me a este extremo. (Representa.)

Ah, ah, fala em porta do jardim e oculta o nome! É bem tola a senhora Matilde. Passe muito bem, regale-se com a palestra das senhoritas portuguesas que eu vou recriar-me com as dos genoveses. (Representa.) Vai para Génova. Graças ao céu que ficarei descansada. Se tivesse cascalho, desembaraçar-me-ia a aceitá-lo por esposo, mas assim nem posso nem devo pretendê-lo. (Representa.) Já sabe que tudo é meu quanto possui, intenta despersuadi-lo. [11] Que juízo de senhora! Chama ao dinheiro cascalho. Florindo certamente ‘inda não sabe deste bilhete. Pois quero ter o gosto de entregar-lho para desengano. Mandarim!

**MANDARIM:** Senhora.

**ROSAURA:** Donde tens estado até agora?

**MANDARIM:** Tenho estado com o Crosmett.

**ROSAURA:** Que é Crosmett?

**MANDARIM:** É um nome estrangeiro.

**ROSAURA:** Explica-te, insolente.

**MANDARIM:** Tenho-me explicado.

**ROSAURA:** Quem veio aqui?

**MANDARIM:** Apenas chegou meu amo, logo parti...

**ROSAURA:** Aonde?

**MANDARIM:** A falar ao Crosmett.

**ROSAURA:** Que demónio de Crosmett é esse?

**MANDARIM:** É um homem que aluga casas no mar.

**ROSAURA:** Matilde retira-se da corte?

**MANDARIM:** Eu não me embaraço com as vidas alheias; disso não sei nada.

**ROSAURA** (Aparte a Colombina): Colombina, examina de Mandarim a causa da jornada de Matilde.

**COLOMBINA** (Aparte a Rosaura): Sim, senhora.

**MANDARIM:** Colombina, vai preparar toda a roupa branca do patrão. Anda, não percas tempo. [11v]

**ROSAURA:** Que história é essa?

**MANDARIM:** Com licença, logo venho. (Partindo.)

**ROSAURA:** Espera indigno!

**MANDARIM:** Não posso deter-me, tenho que fazer. (Corre.)

**ROSAURA:** Ouve.

**MANDARIM:** Vou ao correio, depois falaremos. (Vai-se e torna.) Oh, se vier o senhor dize-lhe que tudo está pronto por oito moedas, comendo galinha e repimpado no catre.

**ROSAURA:** Estás doido?

**COLOMBINA:** Vens bêbado?

**MANDARIM:** Não venho; vou a isto, tenho de fazer muita coisa antes da jornada. Até logo.

**ROSAURA:** Que extravagância é esta! Prepara a roupa; vem de falar ò Crosmett. Dar-se-á caso... Matilde há-de ser a minha ruína; intentará Florindo retirar-se com ela?

**COLOMBINA:** Então, ficava vossa mercê senhora de tudo?

**ROSAURA:** Esta carta da sua despedida mostra um total desprezo.

**COLOMBINA:** Parece-me ser ideada para enganar a vossa mercê. Deixá-la sem mais cautela em cima de uma banca na sala de [12] visitas. E no mesmo tempo da nossa vinda, faz com que desconfie.

**ROSAURA:** Não dizes mal. Isto é fazer zombaria de mim. Vou a declarar a Arnolfe esta insolência.

**COLOMBINA:** Pode ser que também ele desse penada neste enredo.

## **CENA 8.<sup>a</sup>**

### **FLORINDO e os ditos.**

**FLORINDO:** Mandarim, Mandarim! (Entrando aceleradamente.)

**ROSAURA:** Que tendes?

**FLORINDO:** Já viestes? Quem vos deu licença?

**ROSAURA:** Que modo é esse?

**FLORINDO:** É... Este moço ‘inda não veio. (Para Colombina.)

**COLOMBINA:** Encarregou-me de expor a vossa mercê que tudo estava pronto por oito moedas e que se preparasse enquanto ele chegava ao correio.

**FLORINDO:** Verás, ingrata, que hei-de seguir-te, apesar de todos os impossíveis. Toda a minha roupa branca que estiver engomada, vai arrumar naquele baú que está no meu quarto. Aqui tens a chave.

**COLOMBINA:** Nós temos arenga! (Vai-se.)

**ROSAURA:** Para onde é a jornada? [12v]

**FLORINDO:** Ricardo ‘inda não apareceu?

**ROSAURA:** O seu secretário? Há pouco que se retirou.

**FLORINDO:** Não se deteve? Enfim, mandá-lo-ei chamar. (Vai-se.)

**ROSAURA:** Esta perplexidade de Florindo faz com que eu forme diferentes suspeitas. Quando devia alegrar-se por ir na companhia da sua namorada, então se entristece. Ah, não sei o que suponha.

### **CENA 9.<sup>a</sup>**

**FLORINDO, e logo COLOMBINA.**

**FLORINDO:** Doze mil cruzados em dinheiro é suficiente parcela para a viagem. Rosaura, mandai tirar da guarda-roupa todos os meus vestidos e dissei a Colombina o como os devera pôr no outro baú

**ROSAURA:** Para que são estes preparos? Cometeste algum crime? Libertai-me de cuidados.

**FLORINDO:** Não cometi crime, mas tenho negócio que me obriga a retirar-me da corte.

**ROSAURA:** E para onde ides?

**FLORINDO:** Não sei. Dai-me a chave do vosso gabinete.

**ROSAURA:** Para quê? [13]

**FLORINDO:** Tenho precisão de ir de lá tirar uma coisa.

**ROSAURA:** O que lá está nada é vosso.

**FLORINDO:** O que lá está tudo é meu, excepto os vossos vestidos. Baste de razões, aviai.

**ROSAURA:** Quem vos meteu isso na cabeça, Ricardo?

**FLORINDO:** Dai-me a chave.

**ROSAURA:** Perdi-a, não a tenho.

**FLORINDO:** Bem, não será preciso. (Vai-se.)

**ROSAURA:** Que ides a fazer? Esperai Florindo, detende-vos. Ai de mim, bem pressagiava meu coração estes desastres. Certamente, tudo isto é procedido dos conselhos do grande Ricardo. Como hei-de evitar tão acelerado incidente?

Sai **COLOMBINA:** Senhora, depressa, depressa, venha acudir ao cofre das suas jóias que está para aferrolhar-se no baú onde vai a roupa. Arrombou a porta do seu camarim; tudo vai raso. Confesso-lhe que tenho medo dele.

**ROSAURA:** Que me dizes? Ah! (Vai-se exasperada.)

**COLOMBINA:** Se minha ama tivesse ido para casa do primo levando as jóias, não sentiria agora esta perda. Fora com o senhor Ricardo, como é vingativo.

**CENA 10.<sup>a</sup>**

**MANDARIM e a dita. [13v]**

**MANDARIM:** Colombina, já veio o patrão?

**COLOMBINA:** Lá está dentro.

**MANDARIM:** Vou a falar-lhe.

**COLOMBINA:** Mandarim, 'inda que vivo desfavorecida da tua graça, não te mereço sequer uma única fineza?

**MANDARIM:** Rapariga, tu perdeste a tua fortuna fazendo-te altiva comigo. Agora, estou rindo-me de ti e de outras semelhantes.

**COLOMBINA:** Deixa graças e declara-me por qual motivo anda nosso amo colérico e exasperado?

**MANDARIM:** 'Inda mais alguma coisa devias dizer.

**COLOMBINA:** Que mais?

**MANDARIM:** O estar danado.

**COLOMBINA:** Porque dizes isso?

**MANDARIM:** Porque vai às ondas.

**COLOMBINA:** Para onde faz viagem?

**MANDARIM:** O que me dá cuidado, minha Colombina, é o luto.

**COLOMBINA:** Qual luto?

**MANDARIM:** O que tenho de mandar fazer.

**COLOMBINA:** Morreu-te algum parente?

**MANDARIM:** Tenho essa esperança.

**COLOMBINA:** Então, meu menino trataas com desprezo a tua Colombina?

**MANDARIM:** Tens bom faro! Pescaste a minha fortuna [14] pelo cheiro desta carta. (Mostrando-lhe uma carta com vaidade.) Pois já tenho elegido consorte de méritos mais relevantes que os teus.

**COLOMBINA:** Falo-te na resposta...

**MANDARIM:** Falasses mais cedo, agora já não pode ser.

**COLOMBINA:** Digo...

**MANDARIM:** Não há que deferir.

**COLOMBINA:** Mandarin!

**MANDARIM:** Escusada.

**COLOMBINA:** Deixas supérfluos os meus rogos?

**MANDARIM:** O mesmo tens feito às minhas contumécias.

**COLOMBINA:** Não me dizes nada? Paciência.

**MANDARIM:** Eu te direi quem é quando se passarem as prendas. Ah carta, que vales um milhão. Quando isto é olhando-te para o sobrescrito, que fará individuando a novidade que ocultas! Ah Mandarin, já não serás mandado pelos mandadores que te mandavam com tanto mando. Rapariga, vou a falar ao amigo Florindo e depois nos veremos. (Vai-se com muita soberba.)

**COLOMBINA:** Nada obtive. É muito conservar-se um segredo entre criados. O único remédio que tem minha ama é retirar-se para a companhia do primo, ver se apresta o casamento [14v] com dom Gusmão, e deixar esta casa, pois todos que a frequentam lhe são contrários. Eu procurarei algum pajem e não o conseguindo, vou assistir com minha avó e sustentar-me-ei com o lucro do engomar para fora. (Vai-se.)

## **ACTO 2.º**

### **CENA 1.ª**

**FLORINDO e MANDARIM.**

**MANDARIM:** Senhor, vossa mercê quer matar sua irmã? Olhe que não tem outra, que seu pai já morreu.

**FLORINDO:** Indigno, não me impacientes.

**MANDARIM:** Ao menos deixe-lhe ficar o adereço de topázios.

**FLORINDO:** Nada quero permitir-lhe.

**MANDARIM:** Nem os brincos de três pingentes?

**FLORINDO:** Quero abater-lhe a soberba.

**MANDARIM:** Olhe que rebenta de paixão.

**FLORINDO:** Pois que rebente.

**MANDARIM:** Disse-me hoje que há-de ir para casa do primo letrado para fazer-se rabolista a lhe vossa mercê repor-lhe um dote de oitenta mil cruzados. [15]

**FLORINDO:** Sim? Ficaré enclausurada enquanto venho. Vai conduzir o fato para bordo.

**MANDARIM:** Sim, senhor, mas antes dessa diligência, quero fazer-lhe saber as minhas venturas... Vê esta carta? (Mostrando-lha)

**FLORINDO:** Dá cá!

**MANDARIM:** Isto pertence-me.

**FLORINDO:** Que inclui?

**MANDARIM:** Hei-de sabê-lo logo, diante de Jacopina.

**FLORINDO:** Tens ido a casa de Matilde?

**MANDARIM:** Para vossa mercê rachar-me a cabeça?

**FLORINDO:** Já estarão a partir...

**MANDARIM:** As seges há mais de três horas que estão apeadas à porta.

**FLORINDO:** Quando larga o navio?

**MANDARIM:** Quando larga o quê?

**FLORINDO:** Quando parte?

**MANDARIM:** Suponho que amanhã de madrugada.

**FLORINDO:** O capitão não to disse?

**MANDARIM:** O que entendi dizer-lhe foi isto: ao senhor Florindo a conhaça por oito monedas, comend' a galinha, bovend' a sorveja e dormind'-a na sua catra. Ele estava de sorte que a borjaca chegava-lhe até òs artelhos. Mas, diga-me, como está de passaporte? [15v]

**FLORINDO:** 'Inda agora Roberto Surfaldino mo enviou.

**MANDARIM:** Lá batem, logo falaremos. (Vai-se)

**FLORINDO:** É boa! Arnolfe tão secamente quer ausentar-se, sem me dizer adeus, depois de o ter obsequiado com o maior capricho; Matilde, tendo conhecimento do extremo com que fielmente a tenho tratado; e, por último, Ricardo, um dos meus grandes amigos, abandonar-me! Se estes comigo se portam tão desumanos, que farão os contrários? E a completa felicidade no mundo? Esperava no centro dos meus tesouros desfrutar tranquilo um suave descanso. Porém, quanto foi errado este projecto. Agora é que mais cercado me vejo de aflições.

## **CENA 2.<sup>a</sup>**

### **COLOMBINA e os ditos.**

**COLOMBINA:** Senhor Florindo, minha ama está inconsolável; não fala, troveja. Se não a vai sossegar, certamente morre.

**FLORINDO:** Isto é procedido de saudades minhas; dize-lhe que tudo se há-de pôr em bem.

**COLOMBINA:** Está muito raivosa, e receio que vá para casa de seu primo. [16]

**FLORINDO:** Já aprontei a casa onde deverá ficar.

**COLOMBINA:** Olhe que uma senhora com altivez vendo-se ofendida não descansa sem vingar-se do opressor.

**FLORINDO:** Rosaura ensinou-te esse recado? Pois assegura-a...

### **CENA 3.<sup>a</sup>**

#### **MANDARIM e os ditos.**

**MANDARIM:** Senhor, *monsiur* Arnolfe, com sua estimabilíssima sobrinha e a rubicunda Jacopina suplicam licença à senhora dona Rosaura e a vossa mercê para virem despedir-se.

**FLORINDO:** Colombina, leva aquele aviso a minha irmã.

**COLOMBINA:** Prontíssima! Como se alegrou; aqui há arenga. (Vai-se)

**FLORINDO:** ‘Inda que tarde, sempre me consola esta vinda, só para ter o gosto de observar o semblante com que pretende deixar-me aquela ingrata.

**MANDARIM:** Estamos no mesmo intento, pois quero regalar-me de examinar o delambido carão de Jacopina com que se despede de mim.

**FLORINDO:** Terá valor Matilde de falar-me?

**MANDARIM:** E a rascoa não receará o ver-me [16v] de viseira baixa?

### **CENA 4.<sup>a</sup>**

#### **COLOMBINA e os ditos.**

**COLOMBINA:** A senhora dona Rosaura diz que não tem nada com essa gente e que lhe mande vossa mercê dizer que saiu para fora.

**MANDARIM:** Temos caldo entornado! Com essa notícia virá Arnolfe, mas a senhora sobrinha e a moça não põem cá pé.

**FLORINDO:** Dize a Rosaura que venha já aqui!

**COLOMBINA:** Não vem cá certamente; tem as meninas dos olhos da cor dos bagos de romã.

**MANDARIM:** Vejam que inflamação lhe sobreveio na falta das jóias.

**FLORINDO:** Estou agoniadíssimo, que farei?

**MANDARIM:** Que resposta hei de levar ao moço que aguarda?

**FLORINDO:** Dize... Eu vou buscar Rosaura. (Vai-se.)

**COLOMBINA:** ‘Inda assim não o deixo, que será capaz de a matar. (Vai-se.)

**MANDARIM:** Que me dizem à desordem desta casa? Viu-se nunca dois génios tão opostos? O certo é que por dois mil réis nós outros, criados, aturamos na roda do mês coisas que só presenciadas podem merecer crédito! [17]

## **CENA 5.<sup>a</sup>**

### **CAPALONGA e o dito.**

**CAPALONGA:** Senhor Mandarim, hei de aqui esperar muito tempo?

**MANDARIM:** Entre para cá, senhor Capalonga.

**CAPALONGA:** Oh amigo, sem cumprimento?!

**MANDARIM:** Bem sabe o meu génio. Deixemos cerimónias e vamos ao que importa: dá-me notícias de Jacopina?

**CAPALONGA:** E vossa mercê sabe dizer-me como passa a senhora Colombina?

**MANDARIM:** Dizer-lhe-ei: Colombina a todo o instante anda a falar no senhor Capalonga, e...

**CAPALONGA:** Devo muito àquela rapariga; pois Jacopina nunca ouvi dizer-lhe nada a seu respeito.

**MANDARIM:** Dar-se-á caso que tenha já lá, em Génova, algum noivo apalavrado.

**CAPALONGA:** Em Génova não; porém, nesta cidade parece-me que sim.

**MANDARIM:** Nós somos amigos, e entre amigos bem sabe você que tudo é sinceridade.

**CAPALONGA:** Já se sabe.

**MANDARIM:** Diga-me: quem é o morgalhudo?

**CAPALONGA:** Direi: é um oficial de salteiro... [17v]

**MANDARIM:** Basta, já não quero mais ouvir.

**CAPALONGA:** Falava-se nisto, mas com a jornada acabou-se tudo.

**MANDARIM:** É verdade que nada se conclui; porém, sempre devo sentir-me do engano.

**CAPALONGA:** Quer mais alguma coisa?

**MANDARIM:** Oh senhor, as pessoas de préstimo ocupam-se; diga-lhe que tenho uma coisa que mostrar-lhe antes da partida.

**CAPALONGA:** Se vossa mercê quer que a leve...

**MANDARIM:** Nada desejo que traga, e então em tomando posse das vinhas, hei-de mandar-lhe um bom cabaz de uvas.

**CAPALONGA:** Quais vinhas? Vossa mercê meteu-se agora a fazendeiro?

**MANDARIM:** Não posso ainda declarar-me.

**CAPALONGA:** Estimarei as suas fortunas.

**MANDARIM:** Aí chega meu amo.

**CAPALONGA:** Sim? Pois vou esperar para a sala. (Vai-se.)

### **CENA 6.<sup>a</sup>**

#### **FLORINDO e COLOMBINA.**

**FLORINDO:** Que suporte esta insolência? Tu conhecerás, vingativa Rosaura, quem eu sou.

**COLOMBINA:** Ah, tenha compaixão da senhora, não a aflija mais. [18]

**FLORINDO:** Há-de ir para um convento.

**MANDARIM:** ‘Inda estamos nisso? E Capalonga?

**FLORINDO:** Dize ao moço que Rosaura espera com alvoroço a política visita de tão distintos senhores.

**MANDARIM:** Mas, se acaso...

**FLORINDO:** Indigno, faz o que mando.

**MANDARIM:** Adiante. (Vai e logo torna.)

**FLORINDO:** Ricardo sem aparecer! Não tenho quem possa consolar-me no centro de tantas penas.

**COLOMBINA:** A senhora...

**FLORINDO:** A senhora é um demónio e tu és outro.

**MANDARIM:** Aí vem a senhora dona Matilde pelo braço de seu tio.

**FLORINDO:** Vai dizer a Rosaura que venha já aqui e não faça com que de todo enlouqueça.

**COLOMBINA:** Certamente não vem cá! Vossa mercê bem sabe que sem as jóias...

**FLORINDO:** Temerária parte da minha vista!

**MANDARIM:** Não lhe fales nisso, lembra-te de Capalonga.

**COLOMBINA:** Olhem o feitio, não me penteio para ele! (Vai-se.)

**FLORINDO:** Quer apossar-se dos bens que tenho adquirido! Era o que me faltava!

**MANDARIM:** Lá ouço já escarrar o senhor Arnolfe. [18v]

**FLORINDO:** Vai fazer certa a minha irmã a confusão em que estou; que obedeça a este preceito que lhe imponho, se quer merecer novamente a minha graça.

**MANDARIM:** Vou a isso. (Vai-se.)

**FLORINDO:** E eu a conduzir Matilde.

### **CENA 7.<sup>a</sup>**

**MATILDE, ARNOLFE, JACOPINA, CAPALONGA e o dito.**

**FLORINDO:** Senhores, agora, encaminhava-me a buscar-vos, tendo concluído a tarefa do correio.

**ARNOLFE:** Sei belissimamente as vossas ocupações; porém, o estarmos já aptos a partir fez animar-me a dar-vos este incómodo, ainda que eu o teria, se não viésseis hoje da quinta, em ir visitar-vos, satisfazendo a minha obrigação.

**FLORINDO:** Suspendi o divertimento do campo, ignorante da vossa retirada, que a estar ciente não me ausentara. Mandarim, chega cadeiras. (Aparte) Nem para mim olha a ingrata. (Chega cadeiras, e também Arnolfe e Jacopina.) [19]

**ARNOLFE:** Deixai estar.

**JACOPINA:** (Aparte) Se estará entregue Mandarim do escrito que deixei em cima da mesa.

**FLORINDO:** Senhor Arnolfe, tiveste alguma notícia funesta que vos obrigue aceleradamente a voltar à pátria?

**ARNOLFE:** Não, amigo, antes de meu gosto.

**FLORINDO:** Muito estimo.

**MATILDE:** (Aparte) Quem pudera dizer o mesmo! Cruel!

**ARNOLFE:** Meu irmão, Anselmo Fulviane, pai de Matilde, depois de terminar a sua viajatura, se acha estabelecido em Génova, onde pretende esposar sua filha com um comerciante honradíssimo e bastante rico. Assim, resolvi a partir em o navio de Crosmett, por ser ricamente abastecido e achar-se todos os cómodos que se pretende para uma passagem de tanto risco.

**FLORINDO:** Ai de mim, sinto gelar-se-me o sangue. Admira-me a senhora dona Matilde não ter medo do mar.

**MATILDE:** Senhor Florindo Aretuze, desde que estou nesta cidade, nunca, jamais, conseguiram de mim o ir a alguma quinta ou função além do rio, pois toda era um temeroso receio. Hoje por obedecer a [19v] meu pai, entrego-me resoluto a este sacrifício.

**ARNOLFE:** (Aparte a Florindo) Que resignação!

**JACOPINA:** (Aparte) Que dissimulada!

**FLORINDO:** (Com ironia) A esperança de umas ditosas núpcias, muitas vezes, faz cobrar ânimo aos peitos timoratos.

**MATILDE:** Se esse fora o motivo, nunca me ausentara deste país.

**ARNOLFE:** Oh, já dom Gusmão Pendeval a pediu; porém, não foi para o seu dente.

**MATILDE:** Sabe o céu quais são meus pensamentos.

**ARNOLFE:** E também teu tio. Em obediência nenhuma menina a desbanca. (Aparte a Florindo) Se até para chegar-se à janela vinha ao escritório pedir-me licença!

Porém, que tendes amigo? (Florindo encosta-se à mesa e fica pensativo.)

**JACOPINA:** Tem saudades, o enigma está claro (olhando para Matilde maliciosamente). Não olhe assim para mim que desconfio.

**FLORINDO:** Penaliza-me a consideração de ausentar-se um tão bom vizinho.

**JACOPINA:** (Aparte) Não vai por esse caminho o gato [20] às filhoses.

**ARNOLFE:** Ainda pudera ser que volte para esta cidade. A senhora dona Rosaura não deixa ver-se?

**FLORINDO:** Tem estado molesta; porém, eu a chamo. (Vai a partir) Não sei como ainda respiro!

## **CENA 8.<sup>a</sup>**

### **MANDARIM e os ditos.**

**FLORINDO:** (À porta com Mandarin) Então, ainda está duvidosa?

**MANDARIM:** Sabe o que tem havido? Arrepelou-me e... (olha para Jacopina) O céu te guarde perfeita moça. Já cá estás?

**FLORINDO:** Acaba.

**MANDARIM:** Sem as jóias não sai do cubículo.

**FLORINDO:** Aí tens as chaves, vai dar-lhas com o demónio. (Atira com as chaves ao chão. Mandarin levanta-as e sai.)

**ARNOLFE:** Menina que é isso? Chorais? Tende ânimo.

**MATILDE:** Não posso. (Aparte) Ah, quem nunca conhecera a Florindo.

**ARNOLFE:** Por isso, arrenego destas despedidas.

**FLORINDO:** (Aparte) A falsa chora, confunde-se, suspira e cala-se. Tomara já dizer-lhe que estou resoluto a acompanhá-la. [20v] Que vos sucede senhora dona Matilde?

**MATILDE:** Estou sentindo o apartar-me da companhia de vossa irmã e...

**ARNOLFE:** Basta, basta! Ainda não vi menina com génio mais dócil.

**JACOPINA:** (Aparte) Tudo isso ela tem, forte tolice de velho!

**FLORINDO:** Da mesma sorte sei que Rosaura sente a vossa ausência. Logo lhe observareis os olhos magoados do excessivo pranto que tem expedindo.

**MATILDE:** De tanto não sou merecedora.

**ARNOLFE:** Mereceis ‘inda muito mais minha Matilde. (A Florindo) A senhora dona Rosaura é discreta, benigna e carinhosa; enfim, é todo o vosso retrato.

**JACOPINA:** (Aparte) A outra que é uma fúria; o velho está tonto!

### **CENA 9.<sup>a</sup>**

**DONA ROSAURA, COLOMBINA e logo MANDARIM e os ditos.**

**ROSAURA:** Minha estimadíssima amiga!

**MATILDE:** Adorável Rosaura. (Abraçam-se.)

**COLOMBINA:** Querida Jacopina!

**JACOPINA:** Amada Colombina! (O mesmo.)

**MANDARIM:** Senhor Capalonga! [21]

**CAPALONGA:** Caro Mandarim! (O mesmo.)

**FLORINDO:** Que é isto? (Enfadando-se com Mandarim.)

**MANDARIM:** Também somos gente.

**CAPALONGA:** Coube-nos a nossa vez e...

**FLORINDO:** Vão lá para baixo.

**MANDARIM:** Sim, senhor. (Para Jacopina e vão-se.) Minha senhora, depois falaremos.

**ROSAURA:** (Com ironia.) Senhor Arnolfe, como é isto? Quer separar-se de mim com tanto desapego, levando-me a luz dos meus olhos?

**MATILDE:** Ah, não sejais lisonjeira.

**ARNOLFE:** Senhora dona Rosaura, meu irmão Anselmo, pai de Matilde, assim o ordena. Tem todo o domínio em sua filha e eu não posso embarçar-lhe a fortuna que vai obter no óptimo casamento que se lhe oferece.

**ROSAURA:** Ides para casar-vos? Então, nada de saudades. Que maior alegria para uma senhora! Eu, certamente, é o estado que apeteço.

**MATILDE:** Sois divertida.

**ARNOLFE:** O vosso génio sempre afasta desse a melancolia.

**ROSAURA:** Oh, sou muito engraçada; é o que tenho de bom.

**FLORINDO:** (Aparte) Diabólica dissimulação! Eu te detesto! [21v]

**JACOPINA:** Sua ama traz muitos diamantes, vem adereçada.

**COLOMBINA:** Vamos para cá, e contar-lhe-ei o que se passa a esse respeito. (Retiram-se para o fim do teatro.)

**ROSAURA:** Aqui está Florindo, que não vê a hora de me dar uma cunhada para meu divertimento; alegra-se, enche-se de regozijo, quando lhe falam em esposa.

**FLORINDO:** Rosaura, falai de vós e não de mim.

**ROSAURA:** Falo o que entendo. Senhor Arnolfe, para que ides buscar a Génova consorte para vossa sobrinha, tendo nesta cidade Florindo?

**FLORINDO:** (Tocando-lhe no braço.) Calai-vos, Rosaura.

**ROSAURA:** Não me toqueis no braço; há mais Florindos na terra, falo de Florindo Risonhose.

**FLORINDO:** (Aparte) Outro demónio.

**ARNOLFE:** Esse mocetão tem comprado na Itália um título e se desprezaria de admitir Matilde a sua esclarecida pro... Demais Anselmo assim o ordena.

**FLORINDO:** Amigo Arnolfe, disfarçai estes delírios de Rosaura.

**ROSAURA:** Chamai-lhes delírios! Pobrezinho, estais alucinado! (Aparte)  
Deixa estar que lentamente [22] assim me vingareis.

Senhor Arnolfe, isso não é modo de tratar-me. Já vejo que o vosso afecto era fingido.

**ARNOLFE:** (Aparte a Rosaura) Ah, calai-vos! Afecto, senhora, baste de zombaria! Por quem sois, guardai segredo!

**ROSAURA:** Está boa impertinência destes senhores ambos, pedindo que me cale. Florindo...

**FLORINDO:** Rosaura, tende cuidado nessa flor de diamantes, que está caindo-vos.

**ROSAURA:** Obrigada, tive a prevenção de as segurar de sorte que facilmente não hão de passar a novos possuidores.

**MATILDE:** Tendes um vantajoso dote em brilhantes. Se tivesses cunhada, não viríeis tão luzente, porque sempre havíeis ceder-lhe alguns para o seu conserto.

**ROSAURA:** ‘Inda que viessem trezentas cunhadas nem de um anel haviam utilizar-se.

**MATILDE:** Dizeis uma coisa e fica-vos outra no coração.

**ROSAURA:** (Aparte) Ai que estou lograda! Ora, espera que eu te despersuado. Senhores, minha mãe! [22v]

**FLORINDO:** De sorte que Rosaura, por ora, como não há outro objecto mais principal que se utilize das jóias, serve-se...

**ROSAURA:** Sim, sim. Senhor Arnolfe, vinde tomar um pouco de fresco ao jardim.

**ARNOLFE:** Far-se-á tarde.

**FLORINDO:** (Assustado) Porquê? Partem hoje?

**ARNOLFE:** Hoje ou amanhã de madrugada embarcamos, e por todo o dia saímos da barra.

**ROSAURA:** Tendes muito tempo, vinde.

**ARNOLFE:** Obedeço. (Aparte) É bem perfeita certamente.

**ROSAURA:** Não sejais lisonjeiro. (Olhando para Matilde e Florindo) Falai alto, que segredos e sonsidades é coisa que abomino.

**ARNOLFE:** Fora, ela põe-me a calva à mostra. (Para Matilde e vão-se.) Vinde, menina.

**ROSAURA:** Vinde, minha Matilde. Agora se dará princípio à vingança. (Retira-se.)

**MATILDE:** (Aparte) Não posso apartar-me de Florindo, mas, se ignora o meu amor, estou pronta a ausentar-me; evitemos a conversação para que se diminua a saudade. [23]

**FLORINDO:** (Aparte) Matilde não compreende o meu affecto, agora conhecera... Porém, sabendo-o não pode suspender a minha desgraça, pois se entrega a determinações de seu pai. Ah, que é arbítrio tão louvável que morrerei silencioso.

**MATILDE:** (Aparte) Hei-de retirar-me sem falar-lhe?

**FLORINDO:** (Aparte) Vejo-a pensativa... Oh céus!

**MATILDE:** (Aparte) Querer-me-á ele bem? Será possível?

**FLORINDO:** (Aparte) Declarar-lhe o meu amor é ser temerário. Bárbara sorte!

**MATILDE:** Tendes alguma coisa?

**FLORINDO:** Uma paixão que todo sabe dominar-me.

**MATILDE:** Muito forte será o motivo que a origina.

**FLORINDO:** O maior que se pode imaginar.

**MATILDE:** (Aparte) Falará de mim?

Perdeste alguma demanda?

**FLORINDO:** De tanta consideração que nunca jamais saberei ver o rosto da alegria.

**MATILDE:** Não sejais ambicioso. Deixai que a fortuna faça o seu giro; os bens não devem apoderar-se de um peito generoso que estima a virtude.

**FLORINDO:** Longe de nós semelhante projecto; outros pensamentos sempre regeram minhas acções. O ouro, os faustos e tudo quanto possuo, de boa mente, cedera a quem soubesse fazer feliz a paixão amante, que me [23v] trespassa o peito.

**MATILDE:** Quem vive sujeito a tais paixões faz pouco apreço do discurso.

**FLORINDO:** Logo o querer bem é para néscios?

**MATILDE:** Tudo o que não é regulado pelo juízo ou causa acidentes funestos ou degenera em doidice.

**FLORINDO:** Acabarei doido, serei morto ou matarei algum competidor; porém, vós sois a causa.

**MATILDE:** Que imprudência é essa? Atreveis-vos a tal dizer-me? Eu não sou nem serei motivo de loucuras e tão-pouco de homicídios. Com uma senhora que preza a sua reputação não se tratam semelhantes discursos.

**FLORINDO:** Ah, perdoai-me amável Matilde, conheço os meus delírios. Não pretendais ausentar-vos. Ah, ah, piedade, piedade vos implora o infeliz Florindo. Aquele que vivendo enganado pelo vosso semblante a outra coisa não aspirava mais que a posse da vossa mão; esta esperança o alentava. Agora esse desprezo que expendeis será bastante causa para terminar-lhe a vida. Eu, eu sou o objecto [24] do rigor e também aquele que não estimando os bens, a pátria, os parentes, enfim se determinava a acompanhar-vos. De todas estas finezas o prémio que obtive é uma desabrida, tirana e última repreensão, pois estais por breves instantes a deixar-me. O céu permita a completar os vossos intentos e dar-me constância para suportar tão desumano abandono, mas asseguro-vos, e o juro, que se outra vez der entrada em meu coração a paixão amante, eu seja o assunto de todo o escárnio. Sim, senhora, estou resoluto a ir viver em um

pobre albergue, trocando a espada que me adorna inutilmente nestas empresas por um cajado; as galas cortesãs por um pobre surrão; os amigos que até agora me cercavam deixarei e nos mansos cordeiros porei todo o meu cuidado. Gozai-vos das felicidades e do alto cume da vossa fortuna; lembrai-vos, por breve espaço, do mísero Florindo e compassiva... Ah, que força é esta que me prende a vós? Que falta de ânimo, não posso conter o pranto! (Partindo) Senhora, adeus. [24v]

**MATILDE:** Detende-vos, Florindo.

**FLORINDO:** Que mandais?

**MATILDE:** Que reguleis prudentemente as vossas acções.

**FLORINDO:** E concedeis-me perdão?

**MATILDE:** Sim, o perdão vos concedo.

**FLORINDO:** Oh, quanto sou venturoso.

**MATILDE:** Porém, adverti que já não posso ser vossa esposa. O paterno domínio prende-me a vontade; determinou-me consorte com todas as circunstâncias úteis ao bem da nossa casa. E é forçoso resignar-me como filha obediente. Elegei outra senhora que saiba melhor corresponder às vossas excessivas finezas. Sim, encontrareis fortuna mais relevante e, quando a possuíres, direis, então, do alto cume das felicidades: «Bem mo predisse Matilde, aquela genovesa sincera, que soube despersuadir-me de um alucinado amor que tanto agora me aborrece.

**FLORINDO:** Baste de ferir-me com setas tão passadoras; aqui tendes este punhal, abreviai-me a morte. (Tira um punhal e lho oferece a Matilde, e de joelhos.) [25]

**MATILDE:** (Aparte) Oh, céus!

## **CENA 10.<sup>a</sup>**

**MANDARIM, e logo CAPALONGA.**

**MANDARIM:** Senhor, receba estas letras... que vejo! Vossa mercê a chorar com uma faca na mão.

**FLORINDO:** Indigno insolente! (Dá-lhe.) Retira-te deste lugar.

**MANDARIM:** Porquê? Estou combalido!

**FLORINDO:** Vai-te ladrão!

**MANDARIM:** Pegue lá nessas letras. (Fugindo e o amo quer dar-lhe.)

**FLORINDO:** Não me apareças mais excomungado!

**MANDARIM:** Pegue lá nessas letras. (Fugindo de todo e o amo fecha.)

**FLORINDO:** Senhora, perdoai-me.

**MATILDE:** Sempre hei-de de desculpar-vos?

**FLORINDO:** Fazem-me imprudente à força, mas sem resposta não fique a minha súplica: outra vez. (Oferecendo-lho como acima.)

**MATILDE:** Esta demora já há-de fazer-me reparável de meu tio. (Faz medida.) Senhor, com vossa permissão. (Aparte e vai-se.) O céu permita que eu não mude de projecto, pois, 'inda que austera, temo ser-lhe agradecida.

**FLORINDO:** Matilde, ouvi, atendei. (Querendo segui-la.) [25v]

**CAPALONGA:** Senhor Florindo, pegue lá nessas letras.

**FLORINDO:** Indigno, 'inda tu me apareces diante dos olhos? (Dá-lhe com impaciência.)

**CAPALONGA:** Veja, senhor, que sou Capalonga. (Cai.)

**FLORINDO:** És um demónio, não mais me apareças. (Dá-lhe e vai-se.)

**CAPALONGA:** Ai, as minhas costelas!

**MANDARIM:** Viveste alguma coisa?

**CAPALONGA:** Derreou-me teu amo.

**MANDARIM:** Não soubeste dizer-lhe que eras Capalonga?

**CAPALONGA:** Disse-lho, mas pôs em alerta.

**MANDARIM:** Deste-lhe as letras?

**CAPALONGA:** Quando me introduzes noutra embrulhada?

**MANDARIM:** Deixa estar que lá virá o tempo das uvas.

**CAPALONGA:** Em piza mas pôs teu amo.

**MANDARIM:** ‘Inda bem, que hei-de ver-me livre de o sofrer. Porém, aí chegam Jacopina e Colombina; não façamos caso delas.

### **CENA 11.<sup>a</sup>**

#### **JACOPINA, COLOMBINA e os ditos.**

**JACOPINA:** Ora, muito me conta minha vida: com que por causa das jóias tem havido todas essas histórias? E para onde se [26] retira Florindo?

**COLOMBINA:** Não sei, supõe-se que vai embarcado no Crosmett.

**JACOPINA:** O Crosmett é capitão do navio?

**COLOMBINA:** Sim. Oh, Jacopina, não reparas naqueles dois estafermos?

**JACOPINA:** São bons sendeiros! Como está senhor Mandarin?

**MANDARIM:** Para servir a vossa mercê, tendo algum préstimo.

**COLOMBINA:** E o senhor Capalonga, está de saúde?

**CAPALONGA:** Vossa mercê faz escárnio de mim? Eu posso ter saúde estando com a espinhela caída?

**COLOMBINA:** Perdoe, não sabia dos seus achaques. Pobre homem, é bem feio.

**JACOPINA:** Feio, velho, pobre e com achaques. Está belo para esposo de alguma rapariga.

**CAPALONGA:** Nem todos podem ser gentis como o oficial de salteiro que lhe arrasta a asa.

**MANDARIM:** Saibamos quem é este salteiro.

**JACOPINA:** Que lhe importa a si isso?

**MANDARIM:** Que me importa? Me escarra nas bochechas? Anda cá, minha Colombina.

**COLOMBINA:** Que temos?

**JACOPINA:** (Aparte) Ai que me despreza!

**CAPALONGA:** Que é isso lá Mandarim?

**MANDARIM:** Quero mostrar-lhe esta carta. [26v]

**JACOPINA:** (Aparte) Certamente é a carta que lhe deixei em cima da mesa. Fiai-vos lá nestes peralvilhos.

Esta carta... (Chegando-se a Mandarim, o qual nada atende.)

**MANDARIM:** Já sente o perder esta fortuna? Portara-se de outro modo. (Isto é sem olhar para Jacopina.)

**JACOPINA:** (Aparte a Mandarim) Não declares a Colombina.

**MANDARIM:** Vossa mercê que lhe importa isto? Embaraço-me com as suas inclinações.

**COLOMBINA:** Então, hei-de estar aqui muito tempo?

**CAPALONGA:** Deixa-os lá e atende-me.

**COLOMBINA:** Não seja tolo, procure quem o sofra.

**CAPALONGA:** Amigo, o negócio vai muito mau; elas cada vez estão mais açucaradas e dengosas.

**MANDARIM:** Não sei o que faça, esta carta...

**CAPALONGA:** Que demónio de carta é essa? Acaba já com isso.

**MANDARIM:** (Aparte a Capalonga) Vai tu, Capalonga, dizer a Jacopina que este papel inclui uma notícia favorável às nossas inclinações, por ser já morto meu tio, de quem espero um grande morgado.

**CAPALONGA:** Sim, descansa, e tu dize também [27] alguma mentira a Colombina, de sorte que a ponhas da minha facção.

**MANDARIM:** Vamos a isso. (Partem cada um para seu lado.)

**COLOMBINA:** Andam célebres papéis!

**JACOPINA:** Insolente Capalonga que viestes derrotar meus preceitos, que pretendes?

**CAPALONGA:** O senhor Mandarin ordena-me que exponha a vossa mercê que tem ali uma carta, onde vem a notícia da morte de seu tio, de quem ele é o legítimo herdeiro, e assim...

**JACOPINA:** Percebo, quer agora emendar o erro.

**COLOMBINA:** Que fazes aí pasmado?

**MANDARIM:** Estou pensando na grande fortuna que perdes em desprezar Capalonga: ele é das mais principais famílias de Génova e sei, com certeza, que andava disfarçado nesta cidade e por oculto motivo, e agora como tudo tornou a pôr-se em bem, volta a tomar posse do que é seu. Tu podias aceitá-lo por esposo e ir na sua companhia.

**COLOMBINA:** Não te creio.

**MANDARIM:** Isto é certo. Queres que o disponha a falar-te?

**COLOMBINA:** A ti me recomendo.

**MANDARIM:** Está bem. (Parte a esperar Capalonga no meio do teatro.)

[27v]

**CAPALONGA:** Que hei-de de dizer-lhe?

**JACOPINA:** Que entendo as suas finuras.

**CAPALONGA:** Bem está. (Parte a encontrar-se com Mandarin.)

**MANDARIM:** Ora, o que tens feito?

**CAPALONGA:** E tu que passaste?

**MANDARIM:** Vais a falar-lhe que está de cera. Jacopina que disse?

**CAPALONGA:** Que percebe as tuas alicantinas.

**MANDARIM:** Sempre me dás notícias funestas. Enfim, usemos desta máxima: deixemo-las que elas aqui não de vir ter.

**CAPALONGA:** Porém, te disse Colombina que lhe falasse...

**MANDARIM:** Se te moves, racho-te a cabeça.

**CAPALONGA:** Já não atemo.

**JACOPINA:** (Aparte) Ficaram suspensos. Mas será verdade a morte do tio? Vou a perguntá-lo a Colombina.

**COLOMBINA:** (Aparte) Será certo o disfarce de Capalonga? Pode ser que Jacopina o saiba, eu me desengano. (Vão a partir cada uma por diante do seu amante. Eles voltam a cara e se retiram cada um para o sítio onde elas estavam, deixando-as no lugar que até ali ocupavam.) [28]

**CAPALONGA:** Elas aí.

**MANDARIM:** Volta-lhe a cara e faz-te despeitoso.

**JACOPINA:** Colombina, quero perguntar-te...

**AS DUAS:** (Para os criados) Não vai a desacomodar. (Eles agora retiram-se.)

**COLOMBINA:** Que te parece? Estão enfadados?

**JACOPINA:** Dize-me, Mandarin teve alguma herança?

**COLOMBINA:** Assim ouvi-o dizer. E Capalonga anda disfarçado?

**JACOPINA:** Todo ele é um disfarce.

**COLOMBINA:** Baste, vou a falar-lhe. (Vai encostar-se ao bastidor vizinho aonde esteja Capalonga.)

**JACOPINA:** Isto há-de ser. (O mesmo.)

**CAPALONGA:** Quer alguma coisa? (Com arrogância.)

**COLOMBINA:** Servi-lo. (Faz mesura.)

**CAPALONGA:** Pois, atenda. (Ficam conversando.)

**MANDARIM:** Que pretende neste sítio? (Muito colérico.)

**JACOPINA:** Obedecer-lhe. (Com muita submissão.)

**MANDARIM:** Pois, ouça: vocês ambos voltem para cá o cachaço; aqui está a minha fortuna. (Tira a carta.) Leia lá só, Capalonga.

**CAPALONGA:** Sim, deixa-me pôr os meus óculos, que faz a letra mais garrafal: «Vossa excelência, ao senhor Mandarin Batoque, [28v] morador na Rua das Pipas...

**JACOPINA:** Deixa o sobrescrito.

**MANDARIM:** Tudo tem identificação?

**CAPALONGA:** Oh, lá se tem: na Rua das Pipas, é próprio morador num odre. Adiante. «Meu sobrinho», que é isto? O defunto escreve?

**MANDARIM:** Antes da sua morte faria essa minuta. Adiante, vamos ao que serve.

**CAPALONGA:** «Meu sobrinho, estimarei que passes com saúde e ajuntes alguns tostões para vires para esta terra, pois já te procurei noiva. Eu estou bom e te dou parte de teres um sobrinho. Nasceu a vinte deste mês e todo se parece contigo. Dá-me notícias tuas e fico para servir-te. Casmurro Batoque». (Enquanto Capalonga lê a carta, Mandarin mostra-se combalido de aflição por alguns acidentes mudos e representa.)

**MANDARIM:** Estou morto. Ai, Ai. Anda-me a cabeça à roda.

**JACOPINA:** Grande herança! Não cuidei que fosse tão asno! Queria lograr-me? Passa fora. (Vai-se.)

**MANDARIM:** Estou perdido. [29]

**COLOMBINA:** Senhor Mandarin, 'inda lhe dá cuidado o luto? Supunha que tinha mais juízo. É muito tolo. (Vai-se.)

**MANDARIM:** Ai que rebento!

**CAPALONGA:** Dize-me: desta herança é que havias mandar-me o cabaz de uvas? Grande carta! Aí a tens, guarda-a para embrulhar adubos. (Vai-se.)

**MANDARIM:** Estou morto, não sei de mim. Fiquei insensato. Ah, infame, em ti vingarei a minha raiva. (Rasga a carta e vai-se.)

### **ACTO 3.º**

#### **CENA 1.ª**

**ARNOLFE e ROSAURA.**

**ROSAURA:** Baste de viração. Vinde para esta sala. Aqui tendes uma saudade. (Dá-lhe uma do ramalhete que traz ao peito, pois figura vir do jardim.)

**ARNOLFE:** Minha senhora, fazeis-me tantos favores que ignoro como poderei recompensá-los.

**ROSAURA:** Se tendes esse desejo, julgo que não será preciso ir procurar algum conselheiro: vós sois rico e... [29v]

**ARNOLFE:** Rico inteiramente não, sou abastado.

**ROSAURA:** Podereis ter cinquenta anos.

**ARNOLFE:** Ponde-lhe mais dez e umas excrescências.

**ROSAURA:** Não pode ser! Cinquenta e um será muito, e tenho dito. (Muito colérica)

**ARNOLFE:** Será assim.

**ROSAURA:** Sois bizarro, bem-disposto e... (Carinhosa)

**ARNOLFE:** Vossa mercê viva muitos anos.

**ROSAURA:** Sois prendado.

**ARNOLFE:** Isso agora...

**ROSAURA:** Dançais sofrivelmente...

**ARNOLFE:** Olhai, noutro tempo, nas Bretanhas ninguém me fazia sombra.

**ROSAURA:** 'Inda hoje, no minuete, poucos vos desbancam. Cantais muito bem...

**ARNOLFE:** Advirto-vos que na boca não tenho mais de cinco dentes e meio.

**ROSAURA:** Enfim, com estas circunstâncias, podeis ainda dar tia à bela Matilde.

**ARNOLFE:** Só me determinaria a isso tendo a felicidade de ser vós a tia.

**ROSAURA:** Oh, pois não! Sois muito do meu agrado.

**ARNOLFE:** Estais zombando de mim?

**ROSAURA:** Falo-vos sincera.

**ARNOLFE:** Não o creio.

**ROSAURA:** Como vo-lo hei-de afirmar? (Muito colérica) [30]

**ARNOLFE:** Não haja enfado. (Aparte) Oh ia-me embora perdendo esta fortuna.

Pois, senhora...

**ROSAURA:** Logo falareis nesse particular a Florindo: o meu dote são oitenta mil cruzados, deveis aprontar outro tanto.

**ARNOLFE:** Pois isso é certo?

**ROSAURA:** (Muito enfadada) Certíssimo.

**ARNOLFE:** Eu tenho de fundo quatrocentos e vinte.

**ROSAURA:** Com oitenta ajustam-se os quinhentos.

**ARNOLFE:** Certamente, ajustam-se os quinhentos.

**ROSAURA:** (Muito contente) Nisto não há dúvida: cinquenta estão empregados em jóias; vinte em dinheiro e dez em uma propriedade. Logo se farão as escrituras. Deveis dar-me conta da vossa casa, pois quero-vos aliviar do incómodo de a governar.

**ARNOLFE:** Isso agora...

**ROSAURA:** O quê? Duvidais? Tenho compaixão de vós! Viveis enganado: vossa sobrinha que supondes inocente é muito gíria, meu irmão anda como louco por sua causa; com esta ausência tem arrombado portas, tirou-me o governo às minhas jóias e quer fugir.

**ARNOLFE:** Que me dizeis? [30v]

**ROSAURA:** A verdade. De tudo estou ciente; tenho suportado muito desgosto, sem dizer palavra. Vai perdendo-se de crédito; entrou a criar reputação com o meu vantajoso dote, que, feitas bem as contas, tudo o que possui é meu. Porém, quero tirar a salvo o principal e deixar-lhe por equidade os lucros, que isto o pratica uma irmã como eu.

**ARNOLFE:** Certamente. Vejam o que vai pelo muro! Quem tal dissera!

**ROSAURA:** Matilde o tem disposto para a viagem.

**ARNOLFE:** Por isso ela se interessava tanto nesta despedida. Ah, traidora!

**ROSAURA:** E, então, por mostrar-me que o desprezava, deixou em cima daquela mesa esta carta, mesmo de propósito para que a visse.

**ARNOLFE:** Deixai ver.

**ROSAURA:** (Dá-lhe a carta) Aqui a tendes; examinai a letra.

**ARNOLFE:** Quem tal havia supor daquela aparência. (Lê para si e demonstra afligir-se.)

**ROSAURA:** Isto foi para ocultar o engano. Sirvo-lhe de palito: todas as minhas acções são por ela criticadas. Porém, meu irmão é o culpado de tudo e [31] também vós o sereis, se deixares de pôr cobro nisto. Que tal vos parece?

**ARNOLFE:** Depressa, nem um instante mais de demora. Onde está ela?

**ROSAURA:** Ficou no jardim, encostada no bocal do tanque, divertindo-se com os peixinhos.

**ARNOLFE:** Com vossa licença; já, já embarcar! (Partindo.)

**ROSAURA:** Esse é o amor que me tendes?

**ARNOLFE:** Quando tornar, falaremos.

**ROSAURA:** Sois um fementido cruel e desumano; suponha-vos de diferente carácter. Por isso, aceitei as núpcias que me ofertaste e...

**ARNOLFE:** Vós é que fostes...

**ROSAURA:** (Fingindo chorar) Chorareis amargamente o meu destino. Infeliz Rosaura! Que será de ti, ausente do teu futuro consorte! Viverás desprezada sendo objecto de opróbrios e...

**ARNOLFE:** Estou entre Scila e Caríbdis. Senhora, detende as lágrimas, aqui estou rendido aos vossos pés. Determinai o que devo fazer. (Ajoelha.)

**ROSAURA:** Estais logrando-me?

**ARNOLFE:** Não, não, falo com todas as veras.

**ROSAURA:** Pois...

**CENA 2.<sup>a</sup> [31v]**

**DOM GUSMÃO e os ditos.**

**GUSMÃO:** Bela, óptima, estupenda acção com que vos observo amoroso, Arnolfe. Senhora Rosaura, estais um pirilampo. Há cá hoje função de anos ou a falta de Florindo é quem excita a tão esplêndido ornato? ‘Inda assim, se todas essas jóias são vossas, pode qualquer cavalheiro fechar os olhos à nobreza e avançar cegamente ao tesouro.

**ROSAURA:** ‘Inda as que vedes não são todas.

**GUSMÃO:** E tudo é vosso?

**ARNOLFE:** E deste seu criado.

**GUSMÃO:** Que é isso? Pretendeis para esposa a senhora Rosaura?

**ARNOLFE:** Sim, senhor. Põe-lhe alguma dúvida?

**GUSMÃO:** Olhai, isso ainda tem suas dificuldades.

**ARNOLFE:** Que dificuldades?

**ROSAURA:** (A Arnolfe) Deixai-o falar.

**GUSMÃO:** Como está vossa sobrinha?

**ARNOLFE:** Muito boa. E, então, que temos?

**GUSMÃO:** E vós?

**ARNOLFE:** Não me vê rijo e valente?

**GUSMÃO:** Isso tem suas dificuldades.

**ARNOLFE:** Tem dificuldades? Eu bem sei o como estou. [32]

**GUSMÃO:** Dai-me do vosso tabaco.

**ARNOLFE:** Esqueceu-me a caixa em casa.

**GUSMÃO:** Mandeis por ela? (Tira a caixa, toma tabaco e não oferece.)

**ARNOLFE:** Não tenho quem lá mande. Provemos do seu. (Querendo tomar tabaco da caixa de Gusmão, ele a fecha com desprezo.)

**GUSMÃO:** É pouco e mau.

**ARNOLFE:** Vejamos, ilustríssimo.

**GUSMÃO:** Tem sua dificuldade, não é para todos. (Chama de parte) Senhora Rosaura, palavra. As flores que me destes ‘inda aqui as conservo.

**ROSAURA:** Fora as que se deitaram no chão por desprezo.

**GUSMÃO:** Estais enganada, essas foram...

**ROSAURA:** (Recatando-se de Arnolfe) Baste, vossa senhoria não quer faltar às ocasiões de lisonjear-me.

**ARNOLFE:** Que é isso lá? Eu devo sabê-lo!

**GUSMÃO:** Tem sua dificuldade...

**ROSAURA:** Não é nada, fala da ausência de Florindo.

**GUSMÃO:** Oh, está em casa?

**ROSAURA:** E com a inocente Matilde.

**GUSMÃO:** Belo, vou a falar-lhe. (Quer partir.)

**ARNOLFE:** Chiu, tenha mão. Vossa senhoria, sem mais amizade, sobe, desce, entra, examina, sem pedir licença! O mesmo fazia [32v] em minha casa. Isto não parece bem.

**GUSMÃO:** Não parece bem a vós e a outros semelhantes que são uns poços de malícia.

**ARNOLFE:** ‘Inda bem que estou já livre de o aturar.

**GUSMÃO:** (Batendo no ombro) Para onde ides meu Arnolfe?

**ROSAURA:** O senhor Arnolfe vai para Génova.

**GUSMÃO:** Isso ainda há-de ter suas dificuldades.

**ARNOLFE:** Ora, fica-te mais as tuas dificuldades. (Aparte a Rosaura) Menina, vinde acabar de determinar-me os vossos preceitos.

**ROSAURA:** Sim. (Aparte) Tenho reduzido o velho e brevemente serei vingada.

Com vossa licença, senhor dom Gusmão. (Dá o braço a Arnolfe.)

**GUSMÃO:** O velho é vosso servente? Nada não consinto. Eu vos servirei.

**ARNOLFE:** Afaste-se que isto também padece suas dificuldades. (Vão-se.)

**GUSMÃO:** Embatocou-me a ginja. Ha, ha, causa-me riso esta gente. Haverá três dias tudo eram queixas e enfados; hoje bela harmonia: Matilde e Rosaura eram opostas em extremo; divertia-me com os zelos que ambas tinham a meu respeito; hoje, talvez, que se abrasem e se salpiquem de ósculos. Oh, lá vem [33] a camareira de Matilde. Derricemos um pouco.

### **CENA 3.<sup>a</sup>**

#### **JACOPINA e o dito.**

**GUSMÃO:** Caríssima Jacopina! Como vamos de amor?

**JACOPINA:** Muito mal. E vossa senhoria?

**GUSMÃO:** Veremos. Onde está Matilde?

**JACOPINA:** No jardim.

**GUSMÃO:** Vou a falar-lhe. (Partindo.)

**JACOPINA:** Vossa senhoria por cá se ficará regalando e...

**GUSMÃO:** Pois é certo que fazem viagem?

**JACOPINA:** Para Génova, esta madrugada.

**GUSMÃO:** Ireis ao bota-fora?

**JACOPINA:** Não há-de ter saudades minhas?

**GUSMÃO:** Isso pergunta-se! Toma lá, aí tens. (Tira a caixa e oferece-lhe tabaco.)

**JACOPINA:** Agradecida. Fora com o sovina.

**GUSMÃO:** Pobre tola! Recusa uma pitada de rapé para a jornada. Pois, isso nem ‘inda merecias pelo mal que me tens servido. Vejamos que horas são. (Examina no relógio da sala.) Sete? Excelente hora para dar dois passeios pelo quintal, a que esta gente [33v] chama jardim.

#### **CENA 4.<sup>a</sup>**

##### **MANDARIM e o dito.**

**MANDARIM:** Meu senhor, ainda agora chega? Todos têm estado com saudades suas e...

**GUSMÃO:** És bom rapaz. Levanta-te. Ainda agora acabei da picaria; fui a casa mudar de vestido, e não pude mais cedo desembaraçar-me. Dize-me, Rosaura terá escolhido para esposo Arnolfe?

**MANDARIM:** Até ò presente que eu o saiba, não, senhor.

**GUSMÃO:** (Aparte) Pretendiam lograr-me.

**MANDARIM:** Permite de mim mais alguma coisa?

**GUSMÃO:** Demora-te, conversa um pouco. És bom rapaz.

**MANDARIM:** Mercês de vossa senhoria. Porém, agora não posso que vou aprontar a ceia para estes senhores a uma casa de pasto, e vossa senhoria bem sabe que isto precisa de tempo.

**GUSMÃO:** Temos banquete?

**MANDARIM:** Tudo acode à fina: até oito moedas levo ordem para despender no trem comestível. [34]

**GUSMÃO:** Está feito. Dize aos meus criados que apeiem.

**MANDARIM:** Sim senhor. Vossa senhoria em querendo entrar, bem sabe. (Vai-se.)

**GUSMÃO:** Sim, bem sei. És bom rapaz. Insigne criado é este para um homem de espírito: é cortês, jovial e atento. De moços está bem servida esta casa. Ceia de oito moedas já não há-de ser má! Veremos. Arnolfe feito braseiro de Rosaura; Jacopina assegurando-me de que fazem jornada pela manhã; dar-se-á o caso que vão todos de cambada? Isto há-de ser bom. Vou-me falar a Florindo e oferecer-lhe a minha protecção.

### **CENA 5.<sup>a</sup>**

#### **RICARDO e o dito.**

**RICARDO:** Está aqui algum criado do senhor Florindo Aretuze?

**GUSMÃO:** Aqui está dom Gusmão Pendeval, amigo do dono da casa e VOSSO.

**RICARDO:** Oh, senhor! Obrigado a vossa senhoria por tanta honra.

**GUSMÃO:** Entrai, tirai-vos da porta.

**RICARDO:** Parece-me ser reparável sem mandar aviso.

**GUSMÃO:** Nada, deixai essas quimeras. Com [34v] um amigo de confiança escusam-se semelhantes cerimónias.

**RICARDO:** Vossa senhoria lá o lê e assim o entende, obedeço.

**GUSMÃO:** Vindes também assistir ao bota-fora? Ireis no meu escaler.

**RICARDO:** Qual bota-fora?

**GUSMÃO:** Pois ignorais a ausência de Florindo?

**RICARDO:** Para mim é novo.

**GUSMÃO:** Também não sabeis da jornada de Arnolfe com sua sobrinha?

**RICARDO:** Nada sei.

**GUSMÃO:** Nem das núpcias de Rosaura?

**RICARDO:** Quem é o afortunado?

**GUSMÃO:** Arnolfe.

**RICARDO:** (Aparte) Pobre homem!

Vossa senhoria enche-me de notícias.

**GUSMÃO:** Já se fizeram as pazes com Matilde; estão cá de visita e pernoitam.

**RICARDO:** Vossa senhoria é que foi o medianeiro?

**GUSMÃO:** Eu ainda agora aqui cheguei.

**RICARDO:** E sabe tanta coisa?

**GUSMÃO:** Também vos sucede o mesmo, e sem perdeses tempo em o inquirir; mais, neste instante se mandou aprontar uma ceia, que há-de importar em oito moedas. Tudo sei e afirmo-vos que ainda não passei desta sala. [35]

**RICARDO:** Essa é a que me deixa mais admirado!

**GUSMÃO:** Aí vereis: a minha bolsa está sempre aberta para os criados; estes depõem formalmente tudo o que se passa.

**RICARDO:** A um ânimo generoso nada é difícil.

**GUSMÃO:** Tenho este génio.

**RICARDO:** (Aparte) Ai de mim! Florindo ausenta-se da pátria. Não sem fundamento foram as queixas de Rosaura.

## **CENA 6.<sup>a</sup>**

### **CAPALONGA e os ditos.**

**CAPALONGA:** Meus senhores, bem estimo encontrá-los aqui, pois me escusam o incómodo de os ir procurar às suas casas.

**GUSMÃO:** Que pretendes?

**CAPALONGA:** Já falo a vossa senhoria. Principiemos por esta banda: senhor Ricardo, faço patente a vossa mercê que amanhã é o dia da minha jornada, e bem sabe que sempre fui seu criado.

**RICARDO:** Sim, és atento e eu agradecido. Aqui tens. (Dá-lhe uma peça.)

**CAPALONGA:** Uma peça! Belo! Ilustríssimo, quisera saber se vossa senhoria quer que faça alguma coisa. Pelas cinco horas... [35v]

**GUSMÃO:** ‘Inda temos tempo. Eu vou ao bota-fora e falaremos.

**CAPALONGA:** Não é mato onde saia coelho.

**GUSMÃO:** Amigo, dai-me licença: Capalonga, dize a Florindo que se acha nesta casa o senhor Ricardo. Ver-nos-emos à mesa ou antes disso.

**RICARDO:** Quanto te deu, Capalonga, o senhor dom Gusmão?

**CAPALONGA:** Diz que vai ao bota-fora; é miserável, tolineiro, efectivo e escorropichador de toda a conta. (Vai-se.)

**RICARDO:** Valha-me o céu! Será certo quanto disse este cavalheiro? Duvido. Florindo a deixar a sua casa, rendas e negócio entregue aos caixeiros para ir divertir-se a Génova? Não creio.

## **CENA 7.<sup>a</sup>**

### **FLORINDO e o dito.**

**FLORINDO:** Amigo, é preciso mandar-vos três recados para chegares a ver-me? Que mal vos tenho feito?

**RICARDO:** Isso é graça, já hoje vos procurei e não estáveis em casa.

**FLORINDO:** Sim, fui diligenciar o passaporte.

**RICARDO:** Para quem? [36]

**FLORINDO:** Intento ir a Génova no navio do capitão Crosmett, que está a partir; quero incumbir-vos dos meus negócios e já tenho feito esta ressalva para deixar-vos.

**RICARDO:** É possível?

**FLORINDO:** Rosaura fica sujeita à vossa administração. Se quiser usar dos seus estratagemas, recolhei-a a uma clausura enquanto venho.

**RICARDO:** Sucedeu-vos algum desastre?

**FLORINDO:** O maior que pode ser. Sentemo-nos. Olá! (Chamando criados.)

**RICARDO:** Deixai estar. (Chegam cadeiras e sentam-se.) Podeis prosseguir.

**FLORINDO:** Já sabeis o como de mim foi recebido Arnolfe Fulviane, quando aportou a esta corte e da grande amizade que sempre tratámos. Também sabeis que trouxe na sua companhia a dona Matilde, filha de Anselmo Fulviane.

**RICARDO:** Perdoa-me, Florindo, o interromper a vossa narração, mas, pelo que presumo, há-de ser extensa; vós tendes visitas e eu não desejo servir de incómodo.

**FLORINDO:** Dizeis bem, mas a um amigo a quem prezo tanto seria falso se encobrisse [36v] as coisas que me atormentam e ocasionam a retirar-me.

**RICARDO:** Temo o ouvi-las, pois creio não serem suficientes para tão grande alucinação.

**FLORINDO:** Sim, estarei alucinado: amor subministra o rumo que intento seguir.

**RICARDO:** Amor? Com quem estou falando? Já vejo que não sois Florindo Aretuze, aquele comerciante honrado, que sabia fazer-se atendido de todos pela sua inteligente conduta. Ah, estou enganado, já não assiste nesta casa o amigo que vinha procurar. Com vossa licença. (Parte, Florindo o detém.)

**FLORINDO:** Onde partis? Detende-vos. Eu sou o mesmo ainda. Por ser amante não perdi os sentimentos de honra e as santas leis da verdade.

**RICARDO:** Pois quem determina ir acompanhando uma senhora donzela, por força de amor, a terras estranhas, não desafia a murmuração dos patrícios, julgando temerariamente do seu procedimento? Não destrói a sua casa com despesas supérfluas, sujeitando-se, talvez, a falir vergonhosamente com justíssima causa? Não [37] excita o ódio da vingativa irmã, vendo esta nos escolhos submergida a nau onde esperava as suas felicidades, por culpa de um astuto piloto? Sim, logo isto são sentimentos de honra: entregar-se a um precipício e querer satisfazer pontualmente aos credores! E estimais a verdade! Ah, Florindo, quão diferente estais! O vosso semblante, sim, é o mesmo; porém, o coração é outro.

**FLORINDO:** Que discurso tão desumano é esse para meu peito. Logo devo morrer abrasado neste incêndio que pretende devorar-me?

**RICARDO:** Esse incêndio, a prudência é quem o apaga; ela, apoderando-se do ânimo do homem, faz com que este reprimindo as suas paixões, saiba vencer-se a si mesmo.

**FLORINDO:** Isso só obtém os de constituição frouxa e tibia e não aqueles de espíritos que destemidamente se arrojam aos perigos.

**RICARDO:** Esses espirituosos, meu Florindo, são tolos ou doidos, que praticam sem pensar.

**FLORINDO:** Logo os arrogantes capitães que se expuseram, valorosos, a tomar uma praça inexpugnável, confiados somente no seu esforço, foram néscios? [37v]

**RICARDO:** Eu estou tratando dos que seguem diferente aula, mas ‘inda na militar não deve um capitão apartar-se da companhia dos seus soldados para ir expor-se nas mãos do inimigo, confiando-se na próspera fortuna, pois com a sua perda deixa em desordem os guerreiros que o seguiam, entregando-os a emprego das lanças ou ao desprezo dos ferros, quando determinados com um prudente comando talvez ficassem triunfantes; aquele sois vós, estes são os vossos parentes e domésticos; a perda é irreparável, se agora não a evitais. O amor é uma simples atracção que o ócio ocasiona. Vá, lançai as vossas contas, cuidai no aumento das vossas rendas e logo desvaneceis esses frenéticos delírios.

**FLORINDO:** Tudo me aborrecerá estando separado de Matilde.

**RICARDO:** Bem, se tanto afecto lhe tributais, por que não a pedis por esposa?

**FLORINDO:** Até essa fortuna me impede o meu destino.

**RICARDO:** Porquê? Não vo-la concedeu o tio?

**FLORINDO:** Seu pai já a tem destinado a um [38] seu patrício. Para esse fim, está pronta a retirar-se a Génova.

**RICARDO:** E, vós, apto a segui-la?

**FLORINDO:** Pois que hei-de fazer?

**RICARDO:** Que pergunta! Que horrível reflexão! Atrevei-vos a tal proferir! Uma senhora destinada a diferente tálamo, conforme as resignações de seu pai, quereis reduzi-la a querer-vos? Intentais com instâncias permudá-la de abraçar o imposto preceito? Até onde se estende a vossa desenvoltura? Já compreendo que não tem limite. Correis pelos vossos desregrados apetites cegamente, sem consideração. Ah, meu estimado amigo, ignorava que misterioso impulso me fazia caminhar

segunda vez a este sítio e, agora, conheço ser benefício do céu para despertar-vos desse profundo letargo em que jazeis amortecido. Lembrai-vos do crédito de Matilde, da vossa reputação, do estado de Rosaura, do negócio, dos vossos bens e amigos; um pouco empregai o pensamento neste desarranjo e, então, determinai.

**FLORINDO:** Não mais, Ricardo; dificulta-se-me todo o acerto. Arruíne-me, embora gaste-se [38v] tudo; suporte um vergonhoso desamparo; veja abrirem-se os meus cofres para os saquearem na paga das dívidas; observe-me infeliz; tudo é diminuta perda para crédito de uma fineza.

**RICARDO:** Donde aprendestes tão erróneos e bárbaros documentos? Quem insinua tão envenenados ditames, inertes, loucos, desassisados? A vontade não deve dominar o homem, mas, sim, este é que a deve reger.

**FLORINDO:** Aquele que não sente o mal, aconselha francamente; mas quando padece moléstia, todo o conselho despreza.

**RICARDO:** Quando a moléstia é loucura, o castigo é quem a abranda.  
(Fica Florindo pensativo um pouco.)

**FLORINDO:** Amigo, o que farei? Sede meu guia, valei-me.

**RICARDO:** Vinde comigo.

**FLORINDO:** A donde?

**RICARDO:** Até minha casa.

**FLORINDO:** A tanto não me atrevo. Hei-de de deixar a Matilde?

**RICARDO:** E Matilde não vos deixa? Há-de um peito feminino ter valor em tal combate, conservando com prudência [39] a ordem paterna, e haveis ser vós o cobarde querendo imitar os de constituição frouxa e tibia de que há pouco falaste?

**FLORINDO:** Sim, retirar-me-ei ao meu quarto; acompanhai-me. Ausente-se, não a quero ver; fuja para longe dos meus olhos; vá entregar-se a quem a merece, não por mais digno, sim por venturoso, que eu ficarei constante, lamentando a minha sorte.

**RICARDO:** Vamos, não penseis mais. Tendes resolvido como sábio.

**FLORINDO:** Porém, não como amante. Já torno a buscar-vos. (Parte.)

**RICARDO:** Aonde ides?

**FLORINDO:** Vou a despedir-me de Matilde.

**RICARDO:** Deixá-la.

**FLORINDO:** Que dizeis? Devo compensar um obséquoio com ingratidão? Mal que possa despedir-me, volto ao meu escritório, donde suplico que me esperes.

**RICARDO:** Mas...

**FLORINDO:** Um instante, não me demoro. Confiai-vos de mim. Mísera Matilde, quanto me será penosa a tua ausência. (Vai-se.)

**RICARDO:** Receio este novo encontro, pois as mulheres [39v] têm arte de atrair, na afectada docilidade com que formam os seus enganos. Sei que Matilde distingue-se deste número, que é de austera condição mas... enfim é mulher. Eu 'inda observo a Florindo muito duvidoso. Porém, já agora não desisto da empresa sem que alcance o triunfo. Vejo encaminhar-se Rosaura para esta sala. Retiro-me a esperar o amigo. (Vai-se.)

## **CENA 8.<sup>a</sup>**

**ROSAURA e ARNOLFE, e logo DOM GUSMÃO ao bastidor.**

**ARNOLFE:** Menina, o dito, dito; baste palavra. Por ora, vou evitar o dano. Vejam como estava solapado; ir no mesmo navio! Para que efeito?

**ROSAURA:** (Muito terna) Sossegai-vos e fiquem as aflições só para mim.

**ARNOLFE:** Coitadinha! Deixai por minha conta o vosso desagravo. Amofinai-vos por causa de vosso irmão? Eu vos livrarei dele.

**ROSAURA:** Cuidais inesperadamente de vos separáreis.

**ARNOLFE:** Não, não choreis mais por mim, que eu [40] mal que se espose Matilde, logo volto a celebrar o nosso himeneu, e, no entanto...

**ROSAURA:** (Muito colérica) Isso já está dito.

**ARNOLFE:** Mas eu não posso conter-me que... (Chora.)

**ROSAURA:** Chorais?

**ARNOLFE:** Pois... Ah... Ah, não hei-de chorar tendo-vos tanto amor que...

**ROSAURA:** Também não posso reprimir o pranto. (Aparte) Pobre velho, é bem tolo.

**GUSMÃO:** (Do bastidor) Onde estará Rosaura? Cá a vejo com o ginja. Quero ouvir o que dizem.

**ARNOLFE:** Oh, menina, menina; chiu, constância!

**ROSAURA:** Não queira mortificar-me, tenha valor.

**ARNOLFE:** Forte afecto de senhora! Detende o desperdício de tanto aljôfar, que é melhor que circulem o brilhante de vossos olhos, pois...

**GUSMÃO:** (Sai.) Excelente acrisolada de palavras. Aonde as esquadrinhou, senhor genovês? Em miscelânea de termos ninguém o desbanca. E vós, senhora Rosaura, para que lograis este pobre velho, chorando por fingimento?

**ROSAURA:** Senhor dom Gusmão, vossa senhoria não deve entrar com tanta liberdade nas casas alheias. (A dom Gusmão) Calai-vos.

**GUSMÃO:** Está feito. [40v]

**ARNOLFE:** É terrível costume.

**GUSMÃO:** Ora disse-me: e trata-se a uma pessoa do meu carácter com tanta impolítica como a que tenho experimentado hoje nesta pocilga? Florindo a correr dessa a outra sala?<sup>1</sup> Matilde fechada no jardim, com as duas serventes; o bêbado de Capalonga a pedir-me descaradamente dinheiro para comer, pois o amo mata a fome.

---

<sup>1</sup> *Florindo a correr dessa a outra sala?*: aparado; leitura incerta.

**ARNOLFE:** Ah, velhaco!

**GUSMÃO:** Mandarim cuidando na ceia de oito moedas; Ricardo, esse gastador de senhorias, embiocado no escritório; vós, com o secante deste velho. Enfim, se não tivesse prometido de ir ao bota-fora e mandado já appear a sege, tinha-me ido embora. Isto tudo anda revoltado, todos ocupados e eu liberto. Onde se viu tal! Sou de menos merecimento que os sevandijas de Ricardo e Arnolfe? Venho beneficiar-vos com a minha protecção e esta é a generosa recompensa! E Matilde, vejam que personagem. Vou a cumprimentá-la. Fecha a porta do chavascal. Estive quase arrombando-a; porém, não quis por duas horas que se poderão demorar neste país que se queixasse de mim. Lembro-me [41] que lhe quis bem e tanto basta.

**ARNOLFE:** Ah, senhor petulante! Puxe por a espada, já que fala tão libertino. (Desembainha a espada, expõem-se em acção de brigar.)

**ROSAURA:** Que fazeis? (Detendo-o.)

**GUSMÃO:** Ha, ha, ha; quereis brigar? (Rindo-se.)

**ARNOLFE:** Não se ria, olhe que o ferro.

**ROSAURA:** Quereis ver-me expirar na vossa presença?

**ARNOLFE:** Menina, estou ofendido; deixai...

**GUSMÃO:** Amigo Arnolfe, esse vosso fogo é como a luz quando se lhe acaba o óleo, assim...

**ARNOLFE:** E o vosso desembaraço é como o do rafeiro, quando acha a porta aberta.

**ROSAURA:** Senhores, eu não quero presenciar dissensões. O meu respeito é bastante objecto para sereis comedidos. Senhor dom Gusmão, se acaso estranhais a pouca afabilidade que vos mostram, podeis retirar-vos a onde se vos dê a estimação que mereceis. O senhor Arnolfe é o dono desta casa, pois está declarado meu futuro esposo.

**ARNOLFE:** Que não há dúvida.

**GUSMÃO:** Bem, não haja mais rumor. Torno a ver Florindo enquanto vos passa a cólera [41v]. E vós, caríssimo Arnolfe, desculpai-me, não façais caso, pois tendes experiência do meu gênio. Venha esse abraço. (Querendo abraçá-lo, Arnolfe se retira.)

**ARNOLFE:** Afaste-se.

**GUSMÃO:** Nada. XXXX<sup>2</sup> feição, tomai tabaco. (Tira a caixa e oferece-lho.)

**ARNOLFE:** Não gosto do seu. (Tira a sua e toma tabaco sem oferecer a dom Gusmão.)

**GUSMÃO:** Pois venha do vosso.

**ARNOLFE:** É pouco e mau. (Guardando a caixa.)

**ROSAURA:** Agora, senhor Arnolfe, também é ser muito renitente; um cavalheiro como o senhor dom Gusmão que se digna a suplicar-vos desculpa, não merece semelhante recompensa.

**GUSMÃO:** Aí vereis o meu gênio: sou galhofeiro, gosto de fazer zombaria de quadros ridículos, como este; porém, compadeço-os, quando os vejo acelerados.

**ARNOLFE:** Ridículos? Veja como fala.

**ROSAURA:** Acomodai-vos; o ilustríssimo fala de quatro e vós não passais de um.

**ARNOLFE:** Seja o que quiserdes.

**ROSAURA:** Abraçai-o, andai.

**ARNOLFE:** Isso tem suas dificuldades. Vou [42] dispor a jornada. Menina, até logo. (Vai-se.)

**GUSMÃO:** É especial o bom futuro! Não está mau ópio que lhe tendes introduzido! Podeis suportá-lo?

**ROSAURA:** Assim é preciso para concluir as minhas ideias.

**GUSMÃO:** E são favoráveis à nossa correspondência?

---

<sup>2</sup> XXXX: emenda de outra mão, que não conseguimos decifrar.

**ROSAURA:** Direi por libertar-vos de suspeitas: o que empreendo é alcançar o meu dote, o qual só poderá obter Arnolfe de meu irmão, com a esperança este de possuir Matilde e aquele com o sentido de ser meu esposo. Lavradas as escrituras, pode ser que, então, me lembre dos vossos obséquios e vos seja agradecida.(Aparte) Este também faz-se-me preciso dispô-lo do meu partido.

Que dizeis agora?

**GUSMÃO:** Que sois *quantum sales*.

**ROSAURA:** Obrigadíssima. (Mesura.) Mas vossa senhoria não ignora as aflições e contínuos desgostos que tenho suportado por causa de Matilde.

**GUSMÃO:** Oh, e que desgostos! Capazes de reduzir-vos a uma ética.

**ROSAURA:** Até por último, negava-me Florindo as minhas jóias e já estavam aferrolhadas [42v] no baú que intenta portar a Génova.

**GUSMÃO:** Que insolência! Queria ir fazer estrangeiros os vossos diamantes! Já vejo que é ridículo.

**ROSAURA:** Ridículo se entende nesta acção.

**GUSMÃO:** Vós já sabeis desta grande ceia de oito moedas?

**ROSAURA:** Agora o sei de vossa senhoria; tudo é assim.

**ARNOLFE:** Pois vamo-nos avizinhando; não quero fazer presumir a Florindo que deixo de honrá-lo. Trago-lhe duas cartas de recomendação e ainda não o encontrei para entregá-las; já agora à mesa. Tenho este génio: gosto de servir. Madame, na falta de um velho, aqui tendes um ilustríssimo rapaz, que vos oferece o braço.

**ROSAURA:** Confesso-me pouco merecedora desta dita; porém, sempre me utilizo. (Dá o braço com desdém.) Só para vingar-me de Matilde.

**GUSMÃO:** Que beleza!

**ROSAURA:** Que gentil!

**GUSMÃO:** Se fôsseis fidalga...

**ROSAURA:** Se tivésseis juízo...

**GUSMÃO:** Eu não sou tolo. (Larga-lhe o braço com desprezo.) [43]

**ROSAURA:** Eu não deixo de ser nobre. (Colérica.)

**GUSMÃO:** Quem diz o contrário?

**ROSAURA:** Quem vos chamou tolo?

**GUSMÃO:** Pois não disseste...

**ROSAURA:** Estais enganado, vós é que proferiste...

**GUSMÃO:** Também não percebeste...

**ROSAURA:** Dai-me o braço.

**GUSMÃO:** Não recuso. (Dá o braço.)

**ROSAURA:** Este rebenta por ser discreto.

**GUSMÃO:** A tal Rosaura morre por ser ilustre. (Vão-se.)

## **ACTO 4.º**

### **CENA 1.ª**

**MANDARIM e CAPALONGA, pondo a mesa.**

**MANDARIM:** Capalonga, não sei que te diga; só tu és feliz com as tuas inclinações, as minhas já deram fins.

**CAPALONGA:** E porquê?

**MANDARIM:** Porque sou pobre. Enquanto havia esperanças de que fosse o herdeiro, mil barretadas; agora, quatro pontapés.

**CAPALONGA:** E Jacopina que os dá de receber! Pois consola-te comigo, que os meus amores acabaram-se. [43v]

**MANDARIM:** Já soube Colombina do engano?

**CAPALONGA:** Não, mas com a nossa retirada tudo se conclui.

**MANDARIM:** De tudo é causa as melhoras que teve meu tio, que se acaso morre, logo te fazia meu caseiro. Enfim, haja alegria, prova lá desse vinho. (Dá-lhe uma garrafa e Capalonga a põe à boca.)

**CAPALONGA:** É coisa boa! Oh, homem, se tivéssemos isca, enquanto os senhores não vêm para a mesa, chupávamos uma garrafa.

**MANDARIM:** Espera... Que melhor isca que duas lascas de fiambre? Espreita se vem alguém. (Tira da mesa o que pede a cena.)

**CAPALONGA:** Corta descansado, que os nossos patrões têm fome de conversar.

**MANDARIM:** Pega lá nessa alcachofra recheada. (Capalonga está espreitando, mal que ouve Mandarim recebe em um prato o que ele tira, de sorte que indo para a porta observar põe a garrafa à boca e quando chega à mesa põe-se a comer.) Tiremos daqui uma franga; com estes bocados de presunto, parece-me que temos de sobejo. [44]

**CAPALONGA:** Belo, que fiambre!

**MANDARIM:** Que alcachofra!

**CAPALONGA:** Que frangaínha!

**MANDARIM:** Bem me custou achar tudo isto feito! Oh, homem, que fiambre! Chiu, vá por lá.

**CAPALONGA:** (Depois de beber) Venha, só o cheiro me alenta o espírito. Esta chupou-se. (Bebe.)

**MANDARIM:** Venha outra, e vamos depressa reformá-las. (Vai por outra.)

**CAPALONGA:** Que franga, nunca me soube tão bem o comer. Olha, Mandarim, se pelo mar... (Bebe.)

**MANDARIM:** Espera, homem, que fazes?

**CAPALONGA:** Esta chupou-se, porque... não sei se me entendes...

**MANDARIM:** Pois esta é só para mim. (Bebe.)

**CAPALONGA:** Ouves? Deixa-me um trago, se acaso... Belo pato!

**MANDARIM:** Isto não é pato, é franga.

**CAPALONGA:** Acabaste? Dá cá. (Pedindo-lhe a garrafa.)

**MANDARIM:** Aí tens, mas olha que é matreiro. (Dá-lhe a garrafa.)

**CAPALONGA:** É da adega de Florindo, venha. (Bebe e entorna por si.)

**MANDARIM:** Olha que entornas.

**CAPALONGA:** Está chovendo? Havemos de ter mar [44v] de rosas.

**MANDARIM:** Fez muito efeito o licor; estás miserável. Pois a mim meia dúzia não me faziam moossa. Mas eis que vem meu amo. (Pega nos pratos e garrafas e vai-se, dizendo o seguinte:) Capalonga, segue-me.

**CAPALONGA:** Estou na tinta.

**MANDARIM:** Anda, levanta-te; abalo antes que me apanhe com este trem. (Vai-se.)

**CAPALONGA:** (Falando muito de manso mas perceptível) Vem aí... Sim, eu vou. (Levanta-se; porém, encosta-se às costas da cadeira querendo endireitar-se.)

## **CENA 2.<sup>a</sup>**

### **FLORINDO e MATILDE.**

**MATILDE:** Senhor Florindo, sinto ver-vos pensativo. Esperava que, pela última vez que me utilizo da vossa discreta conversação, me excitásseis o ânimo e...

**FLORINDO:** Mal pode excitar o ânimo quem vive desanimado.

**CAPALONGA:** Eu estou quase... Onde será aqui a porta? (Querendo andar, vai cambaleando para junto de Florindo.) [45] Mandarim, chiu, Mandarim! (Chamando muito de manso.)

**FLORINDO:** Ficaste absorta? Supunha que pela última vez... Não, não o permita o céu.

**MATILDE:** Presumis de tornar a ver-me.

**FLORINDO:** Estou determinado a acompanhar-vos.

**MATILDE:** Não tendes motivo para tão grande excesso.

**FLORINDO:** O coração me inspira.

**MATILDE:** Inspirado pelos sentimentos do vosso coração, quereis deixar a pátria, a vossa casa e o comércio?

**FLORINDO:** O amor que vos tenho a tudo me excita; enfim, como vo-lo hei-de de dizer?

**MATILDE:** Outra vez é justo desenganar-vos: confesso que vos estimo e, se tivesse livre a vontade, vós, e não outro, seria meu esposo; porém, o mando paterno que, resignada, abraço mo proíbe. Tendes entendido? Não sei mais claro explicar-me.

**FLORINDO:** Sois muito falsa.

**MATILDE:** Quem usa verdade, vive isenta desse epíteto.

**FLORINDO:** Sois cruel.

**MATILDE:** Sou obediente, e cruel seria tratando-vos com engano. [45v]

**CAPALONGA:** Mandarim! Oh, parece-me que...Ouves... Mandarim!  
(Vem avizinhandando-se.)

**FLORINDO:** Não valem nada meus rogos?

**MATILDE:** Nada demove a minha constância.

**FLORINDO:** Oh, céu! Sinto-me de todo acabar. Mas já agora hei-de seguir-vos, pode ser que já seja morto esse destinado, que tanto me atormenta.

**MATILDE:** Outro se elegerá de igual condição.

**FLORINDO:** Serei eu.

**MATILDE:** Meu pai o determina.

**FLORINDO:** Não sei que esperança tenho de 'inda ser ditoso.

**CAPALONGA:** Chiu, dá cá. (Vem caindo e dá no braço de Florindo.)

**FLORINDO:** Que queres?

**CAPALONGA:** Eles já vieram? Dá cá...

**FLORINDO:** Com quem falas, insolente?

**CAPALONGA:** Oh, já vejo... pois ele... Chiu, não bebas todo.

**FLORINDO:** Estás bêbado.

**CAPALONGA:** Sabeis que mais ele queria... então...

**FLORINDO:** Vai-te.

**MATILDE:** Indigno, meu tio saberá...

**FLORINDO:** Desculpai-o, senhora. Vai-te, Capalonga.

**CAPALONGA:** Eu cá não tenho nada, você bem sabe. [46]

### **CENA 3.<sup>a</sup>**

#### **DONA ROSAURA e DOM GUSMÃO.**

**ROSAURA:** Esta caça magnífica é só para vós? Não falo por mim, mas acha-se nesta casa o senhor dom Gusmão.

**GUSMÃO:** Não vais a desacomodar, quando quiserdes; nada de cerimónias. Bela Matilde, muito estimo. (Com ironia apontando para Florindo.)

**MATILDE:** Senhor dom Gusmão, muito me alegro. (O mesmo apontando para Rosaura.)

**ROSAURA:** Já vos ressentis de que me sirva o cavalheiro? Tende paciência!

**MATILDE:** Não o digo por esse motivo.

**ROSAURA:** Percebo, quereis ter certo dois presentes e um futuro. Que tal é a graciosa e inocente Matilde!

**FLORINDO:** Mana, estranho muito esse modo de tratar-me.

**ROSAURA:** Estamos iguais: toda uma tarde de conversação é a maior despedida que admiram as idades. Quando isto sucede tendo poucas rendas, que será se houvesse cascalho? Não sei se me explico...

**MATILDE:** Senhora dona Rosaura, libertai-vos de suspeitas: já tenho esposo e não pretendo [46v] fazer-vos pobre, avassalando-vos ao meu domínio.

**ROSAURA:** Era o que me faltava! Pois vossa mercê...

**FLORINDO:** Calai-vos Rosaura. Senhora dona Matilde, minha irmã, fala sem pensar, presume que todas aquelas jóias...

**ROSAURA:** Vamos para a mesa, deixemos essas fortes questões que, brevemente, hão de ter fim.

**GUSMÃO:** Sim, por três ou quatro horas que a senhora poderá dilatar-se, não hajam dissabores. Vamos para a mesa. (Vai para a mesa com dona Rosaura.)

**FLORINDO:** Ah, que endoideço! Vós sempre ides para Génova?

**MATILDE:** Essa pergunta me admira.

**FLORINDO:** Estou desesperado; não vos comove o meu pranto?

**MATILDE:** Deixai de ser importuno. (Aparte) Quanto me custa esta expressão.

**GUSMÃO:** ‘Inda não estais satisfeitos de secatura? Senhora dona Matilde, lembre-se que tem de fazer viagem e que são horas de cear.

**FLORINDO:** Falta o senhor Arnolfe.

**ROSAURA:** Logo vem. Vós, senhora, vinde cá. (Pega-lhe pelo braço e a conduz até à porta do teatro.) Cavalheiro, dá-me licença? [47]

**GUSMÃO:** Não precisa de licença quem é tão licenciada. (Vai para baixo da cena.)

**FLORINDO:** (Aparte) Que dirá Rosaura a Matilde? Ah, não posso conter-me.

Mana, não parece bem...

**ROSAURA:** O mesmo estranhei depois e agora há menos motivo.

**FLORINDO:** Não por mim, mas o senhor dom Gusmão...

**GUSMÃO:** Não faço caso dessas bagatelas; o meu génio é livre.

**FLORINDO:** Ainda assim... (Chegando-se a dona Rosaura.)

**ROSAURA:** Deixai-nos.

**GUSMÃO:** Oh, agora que vos deixaram, vinde cá, tenho que dizer-vos.  
(Pega-lhe pelo braço e a leva para a porta do teatro.)

**FLORINDO:** Temo...

**GUSMÃO:** Soube da vossa acelerada partida e não quis escusar-me de favorecer-vos com a minha protecção; aqui tendes estas duas cartas e...

**FLORINDO:** Muito obrigado. (Aceita-as, olhando para onde está Rosaura e Matilde.)

**GUSMÃO:** Quero que vos utilizeis do meu préstimo: se vendeis alguma coisa, comprá-la-ei.

**FLORINDO:** Por ora, não cuido nisso.

**GUSMÃO:** Rosaura tem contratado as núpcias com Arnolfe; julgo que também se ausenta. Assim, todos estes móveis ficam deteriorando-se e...

**FLORINDO:** Como é isso de núpcias?

**GUSMÃO:** Pois 'inda não sabeis? Eu vo-lo digo.

(Vão para o lado esquerdo do teatro e Rosaura com Matilde vêm para baixo ocupar o lado contrário.)

**ROSAURA:** Se lhe quereis bem, tudo desta sorte se evita. O senhor Anselmo não há-de opor-se às justas determinações de vosso tio.

**MATILDE:** Estais zombando de mim. Comigo não devem tratar-se semelhantes negócios.

**ROSAURA:** O que se pretende saber é a vossa vontade, o mais já está tratado.

**MATILDE:** (Aparte) Não me fico de ti, fingida. [47v]

**ROSAURA:** Sim, já sei que lhe quereis bem, não é verdade?

**MATILDE:** Eu não lhe quero mal.

**ROSAURA:** (Aparte) Excelente! Vai bem o negócio. Ah, oitenta mil cruzados a quanto me obrigas!

Mano, tenho que dizer-vos.

**FLORINDO:** E eu também.

**ROSAURA:** (Para dom Gusmão) Dai-nos licença.

**GUSMÃO:** Eu vo-la dou para seis meses. Bela Matilde, a tal Rosaura é daninha de toda a conta (Vai para onde está Matilde e Capalonga agarra-lhe em uma perna).

**CAPALONGA:** És tu? Dá cá!

**GUSMÃO:** Que é isto? Indigno, que fazeis aqui?

**MATILDE:** Está sem juízo, desculpai-o.

**GUSMÃO:** Nisso empregaste o dinheiro que te dei? Vai-te daí!

**CAPALONGA:** Chiu... Veja, sô xomelha, que no mar é aonde... (Levanta-se.) Não se entende que o pato... Não me empurre, sô bêbado. (Dom Gusmão o vai empurrando para perto da porta.)

**GUSMÃO:** Sim, sim, vai-te.

**CAPALONGA:** Você não era capaz... nem trinta de cá... espera... oiça. (Vai-se de todo.)

**FLORINDO:** Isso entra em dúvida? Eu morro por [48] Matilde, e não só oitenta mil cruzados, porém quanto possuo, tudo daria a quem domasse o seu coração a aceitar-me por esposo.

**ROSAURA:** Pois sossegai que tudo obterei. Fazei-me a minha segurança e vereis hoje mesmo celebrarem-se as escrituras de dois himineus.

**FLORINDO:** Ah, minha Rosaura, da tua ideia depende toda a minha felicidade.

**GUSMÃO:** Estás muda, querida chichisbeia?

**MATILDE:** Sois muito atrevido!

**FLORINDO:** Adorada Matilde, o céu já me facilita o caminho de ser ditoso.

**MATILDE:** Desconfio muito dessa vossa esperança.

**GUSMÃO:** Sim, sim, desconfianças, coisas que nada valem. O comer está na mesa há mais de uma hora, e a conversação continuará até à madrugada.

**ROSAURA:** Vinde, minha cunhada e sobrinha, para este lugar; mano aqui tendes. Senhor dom Gusmão, servi-vos. Mandarin, Mandarin!

#### **CENA 4.<sup>a</sup>**

#### **MANDARIM e JACOPINA.**

**MANDARIM:** Senhora, senhora! [48v]

**ROSAURA:** Esta mesa é preciso servida.

**FLORINDO:** O senhor Arnolfe?

**ROSAURA:** Foi despedir-se de um seu amigo e lá ceia.

**FLORINDO:** Oh, por amigo, conduze a esta sala o senhor Ricardo, que está no meu escritório; nem tal me lembrava.

**MANDARIM:** Prontíssimo. Jacopina, faz a minha obrigação. (Vai-se.)

**ROSAURA:** Cavalheiro, trinchai.

**GUSMÃO:** Para isso venho aparelhado; deixai que use do meu estojo. (Tira um estojo com muitos forros esquisitos, dois garfos grandes, uma faca com três caras) Mandei fazer a Inglaterra estes preparos trinchantes, que certamente são óptimos para esta qualidade de aves; se os quis, dei o molde

e exhibi seiscentos mil réis. Porém, que aço, isto é o que se vê. (Mostrando sem parar de trincar.)

**ROSAURA:** Vossa senhoria em tudo quer distinguir-se. Colombina! Mandarim! Demónios de criados! Não aparecem?

**JACOPINA:** Aqui estou, senhora.

**ROSAURA:** Vossa mercê sirva a minha cunhada.

**JACOPINA:** (Aparte) Como fala de papo em cunhada [49]; parece-me isto história.

(Florindo entra a fazer prato.)

## **CENA 6.<sup>a</sup>**

### **COLOMBINA, e logo RICARDO.**

**COLOMBINA:** Que manda, minha senhora?

**ROSAURA:** Estamos à mesa; fazem-se tolos?

**FLORINDO:** Senhora dona Matilde, aqui tendes.

**MATILDE:** (Com repugnância) Obrigadíssima.

**ROSAURA:** Faz o que deve, pois todos somos parentes.

**RICARDO:** Senhor Florindo, para quem tornava com prontidão, vejo-vos com muito descanso.

**FLORINDO:** Amigo, perdoai; repentinamente mudam-se os pareceres e transformam-se as aflições em alegria.

**RICARDO:** Muito estimo, mas são quase onze horas e estive três de encerro.

**ROSAURA:** Não pôde desembaraçar-se mais cedo. Já vossa mercê vem pedindo-lhe contas da sua vida? Quer aconselhá-lo? Por ora não precisa de letrado.

**RICARDO:** E quando o necessitasse, o primo de vossa mercê, que é um dos melhores desta corte...

**ROSAURA:** Sente-se. Senhor dom Gusmão, fazei-lhe o prato.

**GUSMÃO:** Os pratos estão feitos, o senhor tem mãos. Eu estou comendo e, demais, não sirvo mandriões. [49v]

**FLORINDO:** O cavalheiro é costumado a estes ditérios. Não façais caso, aqui tendes. (Dando-lhe o prato.)

**RICARDO:** Um homem loquaz e verboso tendo pilhéria deve suportar-se.

**GUSMÃO:** Provemos estas alcachofras. Os italianos são tentadíssimos de ervagens, e eu de recheio é que me utilizo. (Comendo.) Senhora dona Matilde, provai deste molho assalsado.

**TODOS:** Molho assalsado! (Riem-se todos.)

**RICARDO:** Tem graça, já vejo que vossa senhoria é a alma dos festejos.

**GUSMÃO:** Isso duvida-se?! Em Itália, França, Inglaterra e nos países baixos, alguém deixava de convidar-me para os seus banquetes? Só aqueles indómitos aferrolhadores que não sabiam o bom gosto.

**ROSAURA:** Bravo, que espírito!

**JACOPINA:** (Aparte) Que tolo!

**COLOMBINA:** (Aparte) É animal de todo o porte.

**FLORINDO:** Porém, amigo, sabeis que Rosaura, minha irmã, tem vencido o impossível da ausência da senhora dona Matilde.

**RICARDO:** Estais como quereis.

**FLORINDO:** Conseguiu de Arnolfe...

**ROSAURA:** ‘Inda não vi outra; tudo passais a este amigalhão, forte confiança! [50] É verdade, tudo está justo e de vossa mercê não se depende nada.

**RICARDO:** Nem eu tenho préstimo para coisa alguma. Florindo considero-vos da mesma sorte que depois.

**FLORINDO:** Oh, quanto agora sou ditoso!

**GUSMÃO:** Dizei lá dentro: venha a segunda coberta, que oito moedas não se encerram só nisto. (Apontando com desprezo para os pratos que estão na mesa.)

**COLOMBINA:** ‘Inda se quer cobrir mais? Vou servi-lo. (Vai e torna.)

### **CENA 7.<sup>a</sup>**

#### **MANDARIM, e logo ARNOLFE.**

**MANDARIM:** Depressa, aqui chega o senhor Arnolfe. Suponho que ainda não ceou, pois vem bem mal-encarado.

**FLORINDO:** Vamos a buscá-lo. (Levantam-se todos, excepto Gusmão.)

**GUSMÃO:** Não é pessoa de autoridade para esse descómodo; se vier, cá se achará.

**MATILDE:** Não sei o que receia o coração!

**FLORINDO:** Senhor Arnolfe...

**ARNOLFE:** (Sai) Sou seu criado. Depressa, Matilde, vamo-nos embora. (Pega a Matilde pelo braço.)

**ROSAURA e FLORINDO:** Que fazeis?

**ARNOLFE:** Já estão prontas as sages e a embarcação. [50v] Meus senhores, adeus. (Partindo.)

**FLORINDO:** Ah, tão inopinadamente?

**GUSMÃO:** Amoroso Arnolfe, não quereis provar das alcachofras? (Comendo.)

**ARNOLFE:** Coma-as, que lhe façam bom proveito. Vamos.

**MATILDE:** (Aparte) Eu me sinto morrer.

**ARNOLFE:** Nada de demora, vamos menina. (Partindo.)

**MATILDE:** Minha Rosaura, o céu vos guarde. (Suspirando.)

**ARNOLFE:** Jacopina! Capalonga! (Chamando.)

**FLORINDO:** (A Rosaura, aflito) Mana, como é isto? Detende.

**ROSAURA:** Senhor Arnolfe...

**ARNOLFE:** Não posso mais deter-me.

**FLORINDO:** Senhora dona Matilde, assim me deixais?

**ARNOLFE:** Pois como o havia deixar? Ah, estou inteirado de tudo.

**MATILDE:** Não podeis ter motivo de enfado.

**ARNOLFE:** Não? Vê lá esse escrito. (Dá-lhe o escrito.) Já nada conseguem de mim as tuas sonsidades. (Muito colérico.)

**JACOPINA:** (Aparte) Estou vendo se é o que deixei em cima da mesa.

**FLORINDO:** Oh, céus, que poderá conter o escrito que sirva...

**ARNOLFE:** Que poderá conter? Estou à sua obediência. (Partindo.)

**MATILDE:** Falta-me a constância. Ah! (Chora.) [51] Senhor Florindo, adeus.

**FLORINDO:** Senhora...

**ARNOLFE:** Adeus, adeus; regalem-se por cá. Menina, o dito, dito. (Vai-se com Matilde.)

(Florindo por acções fará conhecer nesta cena aos espectadores a força da sua paixão.)

**ROSAURA:** Esperai que tenho que dizer-vos. (Vai-se.)

**JACOPINA:** Minha Colombina, adeus.

**COLOMBINA:** Adeus, minha Jacopina. (Abraçam-se e choram.)

**JACOPINA:** Mandarim.

**MANDARIM:** Que queres? (Chorando.)

**JACOPINA:** Estimarei a tua felicidade. Adeus! (Vai-se.)

**MANDARIM:** A... de...os... Ai, que rebento! Ah... ah... de... os... Ja... co... pi... na... (Vai-se a chorar graciosamente.)

(Depois que se ausentou Matilde, Florindo foi até à porta acompanhando-a; quis segui-la, Ricardo o embaraçou. Sentou-se exasperado em uma cadeira. Daí, mal que se retiram os criados, levanta-se e entra a deitar por terra os pratos e preparos da mesa, em que entram os ferros do estojo de dom Gusmão. Este se levanta da mesa e os apanha.)

**GUSMÃO:** Que é isto? Estais doido? Meus preparos [51v] trinchantes feitos despojos da vossa ira? Se vos levam a moça, não tenho culpa disso. Isto ninguém o faz. (Levantando-os.) Ora, procurai quem vos sofra. (Parte e torna.) Ouvis? Enquanto vos passa o fogo, vou mandar que chegue para o cais o meu escaler para irmos ò bota. Ora... (Vai-se.)

**FLORINDO:** Deixai-me, deixai-me todos; todos sois verdugos que me assassinais e pretendeis nutrir vossos rancores neste coração tão forte em amar quanto débil no padecer. Que escrito seria aquele? Estou perplexo! Onde partes, Matilde? Quem te arranca de meus braços? Que pérfido subministra tão desumanos arbítrios? Sou, acaso, demais inferior qualidade? Sob o intentei ofender-te, não foram as minhas palavras, sempre respirações de modéstia, vivo escasso de ouro destes bens que o vulgo tanto preza; pois porque te negam a meu peito? Bárbaro Arnolfé! Simulada Rosaura! Tu me enganaste para vingar-te! Ah, que deliro! A pouco e pouco se vai eclipsando a vista! Espera, espera ídolo adorado, faz-me ditoso, aparecendo-me outra vez aos meus olhos! Sim... mas... gela-se-me o sangue... [52] Sinto-me sem movimento... Donde? Donde? Eu desfaleço! Eu morro! (Indo a cair, Ricardo o segura nos braços e encosta a uma cadeira.)

**RICARDO:** Este é o fruto, pobres amantes, das vossas desordenadas paixões. (Chega-se à mesa aonde terá ficado um copo de água e o traz a Florindo.) Florindo, aqui tendes água, sossegai desse delírio. Triste de mim, todo está entregue a um profundo letargo. Olá! (Chamando.)

### **CENA 8.<sup>a</sup>**

#### **MANDARIM e os ditos.**

**MANDARIM:** Quem chama? Que quer, senhor?

**RICARDO:** Acode a teu amo, Mandarim.

**MANDARIM:** Que teve?

**RICARDO:** Caiu-me nos braços desfalecido.

**MANDARIM:** Também eu ando caindo. Não estou para consolar, estou para que me consolem. Mas coitado de quem quer bem, esta negregada vizinhança é a causa de todos estes trabalhos.

**RICARDO:** Florindo! Florindo!

**MANDARIM:** Olhe, senhor Ricardo, ele parece que vai arregalando os olhos. Uh! (Gritando-lhe.)

**FLORINDO:** Ah... Espera... [52v]

**MANDARIM:** ‘Inda se não foi, ‘inda se não foi. V... v... mesmo.

**FLORINDO:** Ah, deixa-me! Matilde? Meu bem?

**RICARDO:** Torna a confundir-se.

**FLORINDO:** Mandarim? Mandarim?

**MANDARIM:** Vossa mercê, aqui estou! Vossa mercê está cego?

**FLORINDO:** Onde está Rosaura?

**MANDARIM:** Foi para casa do senhor Arnolfe.

**FLORINDO:** ‘Inda não partiram?

**MANDARIM:** Parece-me que agora chegaram as seges.

**FLORINDO:** Levaste o fato?

**MANDARIM:** Há que tempo!

**FLORINDO:** Vamo-nos embora.

**MANDARIM:** Sim, senhor, vamo-nos embora. (Vai-se.)

**FLORINDO:** Ricardo... Ah, não posso falar. Aqui vos entrego esta casa, governai-a como vossa. Desculpai-me a pouca aceitação que fiz dos vossos conselhos. Amor soube vencer-me, já não sou meu. Amigo, adeus. (Partindo.)

**RICARDO:** Que se dirá de mim! Oh, justo céu, que vendo-vos pendente de uma ribanceira, deixei despenhar-vos, podendo rebater o vosso impulso! Ah, culpai-me, embora, de atrevido no embaraço desse vosso desígnio, que eu estimo em muito mais a amizade que vos dedico.

**FLORINDO:** Desisti desse projecto. [53]

**RICARDO:** Primeiro haveis matar-me que deis sequer um passo para a fuga.

**FORINDO:** Ricardo, respeito as vossas virtudes; porém, estas agora não têm lugar.

**RICARDO:** As virtudes, sempre visivelmente, transluzem no peito dos entendidos.

**FLORINDO:** Não sou desse número, estou louco. Enfim, deixai-me.

**RICARDO:** Que vos deixe na infelicidade? Tão diferentes sentimentos...

**FLORINDO:** Se me embaraçais a ausência, farei... (Querendo empunhar a espada, repara não a ter.) mas...

**RICARDO:** Servi-vos desta. (Tira a espada e lha oferece.) Empunhai-a em meu dano; trespassai-me o peito. Ver-me-eis despojo de vossa alucinação; porém, sempre, 'inda que exangue, asseguro-vos que haveis de conhecer-me amigo.

**FLORINDO:** Pensai diferentemente, pois... Ah, sinto rumor de carruagem! É Matilde que parte... permiti-me...Ninguém poderá embarçar-me. (Vai a partir aceleradamente.)

### **CENA 9.<sup>a</sup>**

**MANDARIM com mala ao ombro, [53v] uma espada velha, um par de botas na mão e alguns trastes ridículos.**

**MANDARIM:** Senhor, depressa, depressa.

**FLORINDO:** Que sucede?

**MANDARIM:** Já lá vai a minha arca, isto é o resto do meu fato. A sege está posta, em querendo, avise.

**FLORINDO:** De quem são as carruagens que chegaram?

**MANDARIM:** Eu lho digo: vossa mercê tem gente no escritório, esperando-o para se despedirem, que em duas horas não dá vazão aos cumprimentos.

**RICARDO:** Vedes, Florindo? Já está pública a vossa retirada.

**FLORINDO:** Quem os noticiou?

**MANDARIM:** O senhor dom Gusmão, que anda convidando meia cidade para ir no seu escaler ao bota-fora.

**FLORINDO:** Inconsiderado amigo, tu me arruínas. Mas, enfim, julguem ou suspeitem, eu devo partir.

**RICARDO:** Sois um tirano do vosso bem! Que vergonha! Que estultice!

**MANDARIM:** O senhor Arnolfe também está cercado de visitas, mas sabe desembaraçar-se. Agora ia para embarcar, veio um inglês e, pelo que vi, tomou-lhe [54] o recado no patim da escada.

**FLORINDO:** Não mais, isto há-de ser. Culpem-me, embora, os sábios, esses bustos que não sentem os efeitos de uma paixão amante; blasonem de insensitivos, que eu, desesperado, ardendo em ira, nutrindo-me no veneno das ervadas setas, que em meu coração disparam os olhos de Matilde, antes quero presenciá-la alheia que sufocar-me no amargo pranto da saudade! (Vai-se.)

**RICARDO:** Benigno céu, inspirai-me algum meio eficaz com que possa converter este infeliz amigo. (Vai-se.)

**MANDARIM:** Que tal para procurador das minhas fazendas? Vou-me a chamar Capalonga, que ‘inda está cozendo a fornada. Mas ele comigo vem bem rato.

## **CENA 10.<sup>a</sup>**

### **CAPALONGA, e logo COLOMBINA.**

**CAPALONGA:** Que história é esta? Esta gente está esfugentada! Tudo são pontapés, «Vai-te, vai-te». Para onde hei-de ir?

**MANDARIM:** Tal estás que ainda não me vês.

**CAPALONGA:** Tenho os olhos encataratados, mas já lá vai a burjaca, agora estou à fresca. [54v] És Mandarim? (Esfregando os olhos.)

**MANDARIM:** Teu amo já partiu, vamo-nos embora.

**CAPALONGA:** Que horas são isto?

**MANDARIM:** É meia-noite.

**CAPALONGA:** Pois não se dorme? Valham a breca! Olhem o ladrão como anda esperto.

**MANDARIM:** Já te despediste de Colombina?

**CAPALONGA:** Que a leve o diaxo! Oh, Mandarim, tens aí mais pato?

**MANDARIM:** Vamo-nos.

**CAPALONGA:** Para onde bêbado?

**MANDARIM:** Embarcar; anda, anda. (Conduzindo-o.)

**CAPALONGA:** Chiu, amigo; amigo, não me mexa, não me toque.

Sai **COLOMBINA:** Senhor Capalonga, ausenta-se sem despedir-se de mim? (Muito terna) Nunca supus que fosse tão desamorável.

**CAPALONGA:** Forte lambisqueira esta Colombina! Tens mesmo nariz de gulosa!

**COLOMBINA:** Você bebeu vinho?

**MANDARIM:** Perguntas se bebeu vinho estando daquela forma?

**COLOMBINA:** Isso não parece bem. Lembre-se de quem é em Génova e que vai tomar posse da sua casa.

**MANDARIM:** Qual casa? Ele é e sempre foi um farroupilhas. [55]

**CAPALONGA:** Que é lá isso de farroupilhas? Queres-lhe bem? Tomara sabê-lo, que ou ele ou eu.

**COLOMBINA:** (Para Mandarin) Pois tu não o disseste?

**MANDARIM:** Sim, mas foi por ópio.

**CAPALONGA:** (Para Colombina) Percebes?

**COLOMBINA:** É muito ridículo, insolente e confiado.

**CAPALONGA:** Cala, aceita-a.

**COLOMBINA:** Desta sorte castigo a sua petulância. (Dá-lhe e vai-se.)

**CAPALONGA:** Vamo-nos embora.

**MANDARIM:** Que foi isso? Alguma meiguice?

**CAPALONGA:** Sim, vais lá? Que te faça destas meiguices.

**MANDARIM:** Anda por aqui.

**CAPALONGA:** Oh, homem, 'inda me está lembrando o pato! Certamente que se prestar para alguma coisa... Bem sabes quem é Capalonga e... (Cai.)

**MANDARIM:** Pior é esta!

**CAPALONGA:** Não foi nada, porque... (Quer levantar-se e não pode.)

**MANDARIM:** Espera que eu te ajudo a erguer, pois, se acaso serviu de admiração um miserável cobrir outro, muito maior reparo merecerá um bêbado levantar outro bêbado. (Ergue Capalonga, e, quase caindo, se retira dizendo:)

**CAPALONGA:** Belo pato! [55v]

**MANDARIM:** Bem feita burjaca! (Olhando para Capalonga e vai-se.)

## **ACTO 5.º**

### **CENA 1.ª**

#### **DONA ROSAURA e COLOMBINA.**

**ROSAURA:** Já venci o impossível: Arnolfe cedeu às minhas rogativas; escreve a seu irmão contando-lhe a grande fortuna que se oferece a sua filha e, juntamente, se concluem os dois matrimónios, sem mais dúvidas. Resta agora que Florindo apronte os oitenta mil cruzados do meu dote, pois eles é que souberam vencer todos os obstáculos. Colombina, vai dizer a Florindo que pretendo falar-lhe já.

**COLOMBINA:** Ele fechou-se no escritório com o senhor Ricardo, logo depois que se foram as visitas, e não se sente sequer zunir um mosquito.

**ROSAURA:** Bate à porta até que respondam.

**COLOMBINA:** Prontíssima. Havemos aturar a senhora Matilde como dona da casa?

**ROSAURA:** Qual! Em conseguindo o negócio que empreendo, tu verás o que vai, hei-de [56] ser um raio. Eu é que hei-de governar, ninguém se há-de atrever a dar-me regras.

**COLOMBINA:** Ah, isso é outra coisa. O céu o permita, pois, sendo em contrário, procurava outra casa. (Vai-se.)

**ROSAURA:** Sofrer um velho e governar-me minha cunhada! Ah, só isso me faltaria! (Rindo-se muito.)

## **CENA 2.<sup>a</sup>**

### **MANDARIM e a dita.**

**MANDARIM:** O senhor Arnolfe pergunta se já veio o tabelião. Meu amo sumiu-se; a sege está posta há quatro horas. Isto é manhã, eu ando cansado de andar com o fato às costas; Colombina, para aqui, vossa mercê para acolá. Pelo que vejo todos estão doidos.

**ROSAURA:** Dize ao senhor Arnolfe que ‘inda não veio o notário; porém, que pode servir-se de vir a esta casa, e depois chama teu amo.

**MANDARIM:** Donde está?

**ROSAURA:** No escritório.

**MANDARIM:** No escritório? Vou-me a ele. (Vai-se.)

**ROSAURA:** Já se impacienta de esperar de esperar? Muito lhe devo; porém, mais me devem as minhas [56v] jóias. Mas eis que chega dom Gusmão.

## **CENA 3.<sup>a</sup>**

### **DOM GUSMÃO, e logo COLOMBINA.**

**GUSMÃO:** De que nasce tão grande demora? Já está o escaler pronto, vinde senhora Rosaura.

**ROSAURA:** Reparo que vossa senhoria nunca me dá tratamento. Não mereço essa displicência.

**GUSMÃO:** Bagatelas, bagatelas, umas vezes dar-vos-ei «dom», «senhoria», «excelência; outras vezes «tu» ou o que me ocorrer. Tenho amizade nesta casa há muitos anos.

**ROSAURA:** Porém, eu nunca em todo esse tempo deixei de dar-vos «senhoria».

**GUSMÃO:** Pois quereis regular a vossa vontade pela minha? Isso é loucura! Falemos do que importa: esta gente demora-se muito tempo?

**ROSAURA:** Parece-me que já não se retira.

**GUSMÃO:** Houve algum incidente?

**ROSAURA:** A seu tempo o sabereis.

**GUSMÃO:** Tolice! Que tem mais sabê-lo agora que ao depois? Por isso eu digo que todos vocês não sabem o que têm em mim: eu sempre a fazer-me em pedaços para os pôr neste modo hábil, a pedir cartas [57] de favor, liberalizando a minha protecção; e sou tanto atendido como o ridículo de Ricardo, o sevandija de Arnolfe e outros semelhantes.

**ROSAURA:** Vossa senhoria fala com muita soltura; todos são ridículos e sevandijas na sua boca?

**GUSMÃO:** Na minha boca? São nesta casa.

**ROSAURA:** Em vossa senhoria sendo o senhor dela, tudo se porá em boa ordem.

**GUSMÃO:** Conforme a qualidade do dote; menos de cem ou duzentos mil cruzados, não me sacrifico a querer-vos.

**ROSAURA:** Está zombando. Em vendo oitenta em dinheiro, fora este capital de jóias...

**GUSMÃO:** A seu tempo o sabereis.

Sai **COLOMBINA:** Por mais que chamasse ninguém respondeu. Vi pelo buraco da fechadura da porta estar o senhor a chorar e Ricardo metendo-lhe os dedos pelos olhos, falando muito de manso; com que lá deixei Mandarim para que em se concluindo a conversação lhe desse o aviso.

**ROSAURA:** Dize-lhe em voz inteligível que eu o chamo.

**COLOMBINA:** Tanto gritarei até que respondam. (Vai-se.)

**GUSMÃO:** Está no escritório? Vou a falar-lhe. [57v] Excelentíssima Rosaura, dou-vos palavra que sereis feliz.

**ROSAURA:** Excelentíssima depois que vos disse a soma do dote! Grande espírito, senhor dom Gusmão.

**GUSMÃO:** Exorbitante fortuna vos espera, senhora dona Rosaura. (Vai-se.)

**ROSAURA:** Sim, espera. Conheço que é ilustre; porém, muito soberbo e doido. Quero quem se me sujeite e não intento sujeitar-me.

#### **CENA 4.<sup>a</sup>**

#### **ARNOLFE e a dita.**

**ARNOLFE:** Senhora dona Rosaura, meu bem, íman que me atraí, enfim toda a minha consolação; porque se não trata das escrituras destes himeneus? Eu não caibo em mim de contentamento: ando e não sei se ando. Tudo mereceis, tudo a vosso respeito é diminuto.

**ROSAURA:** Conheço o grande amor que me tendes e tanto empreendo corresponder-vos que logo vos alivio do excessivo trabalho de governar a casa, pois sei o quanto isso há-de abreviar-vos a vida.

**ARNOLFE:** De sorte que eu não padeço moléstia [58], graças ao céu; nas minhas faltas suprireis.

**ROSAURA:** (Muito enfadada) Em tal não assino, eu não quero ficar viúva em oito dias.

**ARNOLFE:** Está bem, não levanteis a voz.

**ROSAURA:** Aborreço a contradição.

**ARNOLFE:** Já não contradigo. Também eu vivo impaciente de disfarçar as afrontas que Florindo, vosso irmão, tem usado comigo nestas namorações e esconderijos. Sou muito zeloso do meu decoro. Um sujeito que pratica semelhantes acções, depois da urbanidade com que o tratava, merecia ao menos duas balas pelo lombo ou quatro cutiladas fortes.

**ROSAURA:** O mesmo poderá dizer Florindo de vós, pois descaradamente me pretendeis por esposa.

**ARNOLFE:** Matilde já estava destinada a outrem e pretendê-la é atrevimento demais. E que empreendia ele em ir no mesmo navio a Génova? Servir-nos de pajem? Escusávamos escudeiro. Os seus sinistros intentos dão bem clara ideia da sua malignidade.

**ROSAURA:** Nunca se viu um homem errar?

**ARNOLFE:** Antes todos somos propensos para [58v] o erro. Porém, os réus deste crime de que estou queixoso comumente são aqueles que não têm sentimentos de honra. Vós estais liberta, não servis de pretexto para a defesa.

**ROSAURA:** Mais de treze cavalheiros aspiram à posse da minha mão.

**ARNOLFE:** Mas até ò presente só eu sou o eleito. Deixai de desculpar a Florindo, pois tem usado pessimamente.

**ROSAURA:** Usará bem quando vos der os oitenta mil cruzados.

**ARNOLFE:** O maior interesse a que aspiro é o merecer os vossos agrados.

**ROSAURA:** Sois muito afectuoso.

**ARNOLFE:** E vós muito esquiva.

## **CENA 5.<sup>a</sup>**

### **CAPALONGA e os ditos.**

**CAPALONGA:** Senhor patrão!

**ARNOLFE:** Tu já entendes que andas embarcado? Que queres?

**CAPALONGA:** Que hei-de querer? Saber se vamos. Perdi esta noite, já deram cinco horas. Se ficam para mais tarde, vou recolher-me.

**ARNOLFE:** Já cozeste a fornada? [59]

**CAPALONGA:** Eu não sou forneiro, sou criado de vossa mercê e da senhora Rosaura.

**ROSAURA:** (Muito colérica) Chame-me dona Rosaura.

**ARNOLFE:** Não vos enfadeis. Ouves? Esta senhora chama-se a senhora dona Rosaura; vê como falas, senão pôr-te-ei com dono. Oh, agora me lembra: tu disseste a dom Gusmão que te matava a fome?

**CAPALONGA:** Eu? Vossa mercê está zombando! Podia tal dizer, ele é...

**ROSAURA:** Vai-te atrevido, vai chamar minha cunhada, a senhora dona Matilde.

**CAPALONGA:** Já nós lá vamos.

**ARNOLFE:** Anda, obedece às ordens de minha futura esposa.

**CAPALONGA:** Esposa, cunhada, grande parentesco! Grande parentesco! (Vai a partir, vê Matilde e volta.) A senhora que chega.

## **CENA 6.<sup>a</sup>**

### **MATILDE e os ditos.**

**ARNOLFE:** A que tornavas a esta casa sem licença minha?

**MATILDE:** Foi porque vossa mercê...

**ROSAURA:** Não deis satisfações; veio, porque foi seu gosto. E, então, que temos? [59v]

**ARNOLFE:** Foi desacerto.

**ROSAURA:** Oh, vossa mercê é muito reparista. Mal sabe o que tem de aturar-me!

**ARNOLFE:** Estimo essa notícia; vou-me chegando para bordo. (Vai a partir.)

**ROSAURA:** Sossegue, é bem fioso. De nada se encoleriza?

**ARNOLFE:** É que tenho aprendido de vossa mercê.

**ROSAURA:** Minha estimabilíssima cunhada, já livremente podereis dizer a Florindo os vossos colóquios.

**MATILDE:** Eu, senhora, dependo da vontade de meu tio, pois estou sujeita ao seu domínio.

**ROSAURA:** Nunca dizeis outra coisa, sempre o mesmo, sempre o mesmo! Essa modéstia é bem alheia do estilo com que vos explicaste na carta.

**MATILDE:** Aquela carta que meu tio me entregou, supondo que fosse minha, foi um bichaneiro de Jacopina para Mandarim, como ela poderá afirmar; nem eu tinha a confiança de escrever a vosso irmão, atendendo ao meu carácter, nem uso daqueles termos para explicar-me.

**ARNOLFE:** Assim será: Matilde não é capaz [60] de outra coisa.

**ROSAURA:** Já estais mudado. 'Inda não vi outra! Isso já são anos!

**ARNOLFE:** E isso é mau génio.

**ROSAURA:** Porém, menina, Florindo apenas soube desta resolução de vosso tio, fechou-se no escritório a dar balanço às suas contas, ver os lucros que tem feito, para assim despender nestas funções. Agora mandei-o chamar para certificar-se desta fortuna; ele que chega.

**ARNOLFE:** É o doido do cavalheiro.

### **CENA 7.<sup>a</sup>**

#### **DOM GUSMÃO e os ditos.**

**GUSMÃO:** Já mandei retirar os Algarves, pois Florindo diz que já não parte. ‘Inda não pode saber-se o motivo?’

**ROSAURA:** Sim, já é público: esposa-se com a senhora dona Matilde.

**GUSMÃO:** Isso supus eu há muito tempo: para que havia retirar-se esta senhora para Génova, melhorando nesta corte de felicidade? Só o ginja do tio é que poderia convir em semelhante materialidade.

**ARNOLFE:** Senhor, não me excite... [60v]

**GUSMÃO:** Ele com o seu fogo! Sois o homem mais esquisito que tenho visto.

**ARNOLFE:** E vossa senhoria o petulante maior que tenho presenciado.

**ROSAURA:** Essas questões requerem outra conjuntura; hoje tudo é prazer.

**GUSMÃO:** Já se sabe, em um dia semelhante, ninguém desconfia de quatro ditérios.

### **CENA 8.<sup>a</sup>**

#### **COLOMBINA, e logo MANDARIM.**

**COLOMBINA:** Graças ao céu que já se divisa alegre o semblante do senhor Florindo! Dei o recado e, impaciente, se encaminha a buscar-vos.

**MANDARIM:** Uma vez havia presenciar-se meu amo risonho de risota. Já lá vai a viseira, ergueu-a para cima do elmo e aí vem correndo como uma criança.

**MATILDE:** Muito afecto me dedica.

**ROSAURA:** De tudo sois credora. (Ao criado) Torna a casa do tabelião.

**MANDARIM:** Vou a bordo buscar os baús, antes que parta o navio. (Vai-se.)

**GUSMÃO:** Caríssimo Arnolfe, servi-vos do meu alfaiate para o vestido do [61] noivado, pois precisa-se de appareceres decentemente e não por esse ginjativo feitio.

**ARNOLFE:** Senhor, vossa senhoria não me deixará?

**ROSAURA:** Eis que chega meu irmão. Vinde, vinde, Florindo, a possuir o fim dos vossos desvelos e também assegurar ao senhor Arnolfe os oitenta mil cruzados do meu dote.

**GUSMÃO:** (Para Rosaura) Pois, decerto...

**ROSAURA:** (A dom Gusmão) Calai-vos.

## **CENA 9.<sup>a</sup>**

**FLORINDO e RICARDO, e os ditos.**

**FLORINDO:** Senhores, não pude mais cedo desembaraçar-me das minhas ocupações; sinto a vossa demora quanto não posso explicar-vos. Porém, esta satisfação espero que mereça a desculpa. Rosaura, prudentemente, tenho reflectido nos meus interesses e não posso dar-vos de dote mais que dez mil cruzados, entrando nesta quantia os seiscentos mil réis que por morte de nosso pai vos pertenciam. Senhor Arnolfe, é verdade que, cego de uma paixão amante, com excessivos rogos, pretendi demover o coração de [61v] vossa sobrinha a estimar-me, desprezando o esposo que seu pai lhe destina, o que ela nunca consentiu, por sábia e modesta, como também é falsa essa carta, que supuseste me enviava, pois jamais se deliberou acção que não fosse consultada com a virtude e acerto. Eu, imprudentemente, fui o motor dessas desconfianças, pois estava alucinado. Agora, porém, que achei um amigo fiel que soubesse aclarar-me a ideia, limpando-lhe as teias que tinham formado impudicos pensamentos, estou obrigado a suplicar-vos perdão, instando-vos a que volteis à pátria a executar o imposto preceito de Anselmo, vosso irmão. E vós, senhora dona Matilde, esquecei-vos das minhas expressões, do affecto que vos tributava que tanto, então, foi causa do meu gosto quanto agora de aborrecimento e confusão. Só peço que vos lembreis de como soube, mudando de projecto, vencer-me a mim mesmo. Ide, ide a ser ditosa, que eu já o sou com este arrependimento. (Chora com recato.)

**RICARDO:** (A Florindo) Não desfaleçais. [62]

**FLORINDO:** (Aparte) Constância coração, débil é um peito frágil para resistir a tão violento combate. Porém, consiga-se o triunfo.

**ROSAURA:** Que é o que dizeis, Florindo? Conselhos do grande amigo? Pois sabeis que tendes em mim uma contendora, que saberá litigar.

**FLORINDO:** Estou prevenido, nada me assusta.

**ARNOLFE:** Estou embatucado.

**MATILDE:** Que cena inesperada.

**GUSMÃO:** Viestes deitar água na fervura. Quem vos meteu semelhante asneira na cabeça? Desprezais a bela Matilde? Por que motivo?

**FLORINDO:** A emenda de um delito não é desprezo.

**ROSAURA:** Achou o senhor nos seus alfarrábios aquela política.

**FLORINDO:** Os estímulos da honra a isto me excitam.

**GUSMÃO:** ‘Inda assim, uma carinha tão bonita por que se desperdiçavam tantos extremos merece outra atenção.

**MATILDE:** Cavalheiro, detende os vossos discursos, pois o senhor Florindo Aretuze fala como discreto e prudente; aquelas são as máximas que todos devem seguir. [62v] Eu as abraço, eu as estimo, por serem o abono das nossas felicidades: para o senhor, no sossego que fica desfrutando na sua pátria; e para mim, no desempenho da minha obediência.

**ARNOLFE:** Respondeste a meu gosto. Amigos, sem mais cerimónia, bom foi este desengano antes de partir o Crosmett; senhora dona Rosaura, logo no primeiro navio que vier para este porto escrevo, mandando saber o estado da vossa demanda e...

**ROSAURA:** Pois já vos esquece?

**ARNOLFE:** De tudo estou lembrado: quatrocentos e vinte com dez não ajustam os quinhentos, e sem os quinhentos não quero deixar de governar a minha casa.

**ROSAURA:** Mas o afecto que me tendes?

**ARNOLFE:** O ar do mar gasta muito depressa as saudades amorosas; e demais eu não quero uma esposa enredadeira não sendo a peso de ouro, entendeis este português? Vamo-nos, menina.

**MATILDE:** Senhor Florindo, este é o final termo que tenho de ver-vos: gozai em paz... [63]

**FLORINDO:** Estimável Matilde, sinto que tão depressa... (A Ricardo) Amigo, dispõe do meu destino.

Senhores, o céu vos guarde. (Vai-se.)

**MATILDE:** Ah, que digno coração de ser compensado. Melhor não se dilate o embarque: senhores, com vossa licença... (Pondo o lenço nos olhos e vai-se.)

**ROSAURA:** Nem faz caso de mim, a sonsinha.

**ARNOLFE:** Tão pequeno foi o testemunho que lhe levantaste na factura da carta! Tendes um génio... (Partindo) Amigo Ricardo, senhor dom Gusmão, à vossa ordem.

**GUSMÃO:** Já mandei retirar o escaler; quando não, ia acompanhar-vos.

**ARNOLFE:** Sim, sim, por causa das dificuldades.

**RICARDO:** Vosso servo, senhor Arnolfe. (Vai-se Arnolfe.)

**ROSAURA:** Agora venho no conhecimento, senhor dom Gusmão, de que Arnolfe é um ridículo.

**GUSMÃO:** Quando eu disser que a burra é preta, reparem-lhe para o cabelo.

**ROSAURA:** Ficou frustrada a nossa ideia, mas estas jóias e dez mil cruzados não é para desprezar.

**GUSMÃO:** Para um sujeito da vossa qualidade [63v] faz negócio, que os diamantes têm seu fogo. Se não fora a minha nobreza...

**ROSAURA:** Perdoai-me, estais muito alheio do caso: meus pais, antes do seu falecimento, já tinham dispostas as minhas núpcias com o senhor Ricardo. Assim, alcançareis o que empreendo, pois ele vencerá a Florindo.

**RICARDO:** Minha senhora, nesse tempo, 'inda não tinha experiência do mundo e sujeitar-me-ia a esse laço; presentemente, tenho visto muita coisa, pelo que estimo a minha liberdade.

**GUSMÃO:** É a primeira coisa que tendes dito com juízo.

**ROSAURA:** Estou exasperada! De todo se acabaram as esperanças que possuía de ser feliz.

**RICARDO:** Quereis ser ditosa? Mudai de conduta e lembrai-vos do que hoje vos disse.

**ROSAURA:** Que remédio! Seguirei os vossos ditames.

### **CENA 10.<sup>a</sup>**

#### **COLOMBINA, e logo FLORINDO.**

**COLOMBINA:** Senhora, depressa, venha dizer adeus ao senhor Arnolfe, pois já [64] se está embarcando na sege.

**GUSMÃO:** Depressa, vou dar o braço a Matilde. (Vai-se.)

**ROSAURA:** Que os leve o demónio, causa do meu desgosto.

**FLORINDO:** Matilde, meu bem, não me desampareis neste apertado lance. Onde, donde te conduzem longe de mim? Olá criados, segui-me. (Está caindo-lhe, conduzindo-se para a porta contrária, sem atender às pessoas que estão em a cena.)

**RICARDO:** Florindo, que pretensão é essa? Tornais a flutuar?

**FLORINDO:** Ausenta-se Matilde e...

**RICARDO:** Que importa que se ausente? Esquecei-vos daquelas prudentes reflexões que fizestes, depois, na sua presença? Que horrível sistema pretendeis conseguir? Recobrai o ânimo, lembrai-vos do vosso carácter e...

### **CENA ÚLTIMA**

#### **DOM GUSMÃO e os ditos.**

**GUSMÃO:** Já lá vão; peguem-lhe agora com um trapo quente: deixaram ir aquela rapariga que seria a chamariz desta casa! Ninguém tal faz. [64v]

**ROSAURA:** Querido irmão, deixai essas tristezas, sustentai o vosso desígnio, reforçando o peito de constância, pois é credora de todo o louvor a acção praticada, e tanto que, servindo-me de exemplo, já me conformo aos vossos prudentes arbítrios. Segui os transportes da cólera; porém, esta jaz extinta: não maquino litígios, só procuro estimar-vos. Sim, meu Florindo, perdoai-me. (Ajoelha.)

(Aparte) Que remédio tenho senão usar de humildade.

**FLORINDO:** Que vejo, que observo! Rosaura entregue a novo sistema! Ah, agora sois minha irmã, pois soubeste imitar-me. Dai-me os vossos braços. Utilizai-vos das jóias, pois são vossas, e de todos os bens eu vos renuncio metade. Amigos, torno a ser feliz; aquele primeiro estado dos meus primeiros anos, reedifique-se esta contextura, pois sinto transportar-me num incompreensível contentamento!

**GUSMÃO:** Belo! Extermine-se a tristeza que eu fecho os olhos à voraz mordacidade, aceitando por esposa a senhora dona Rosaura. [65]

**ROSAURA:** Não, cavalheiro. Quem estima o meu dinheiro, faz-se indigno de possuir-me. Já não pretendo esposo, quero viver na companhia de Florindo, pois agora é que chego a conhecer a fealdade dos meus crimes, malélicos, ambiciosos, eu os detesto.

**GUSMÃO:** Bem, não haja enfado, estava gracejando.

**RICARDO:** Tornai para a vossa quinta, enquanto se pacifica a murmuração nos nossos contrários.

**FLORINDO:** Sim, estou resoluto. Minha querida irmã, estimadíssimos amigos, não me desampareis. E vós, benignos espectadores, que atendestes aos desassisados impulsos de um louco afecto, aborrecei-me preso nas envenenadas cadeias; porém, imitai-me vencedor das minhas paixões.

FIM